

M. Lopes Marcelo

BANDA FILARMÔNICA DE ALDEIA DE JOÃO PIRES

CENTENÁRIO



1908 | 2008

CÂMARA MUNICIPAL DE PENAMACOR

M. Lopes Marcelo

BANDA FILARMÓNICA DE ALDEIA DE JOÃO PIRES

CENTENÁRIO



CÂMARA MUNICIPAL DE PENAMACOR

Ficha técnica

Autor:

M. Lopes Marcelo

Título:

Banda Filarmónica de Aldeia de João Pires - Centenário

Edição:

Câmara Municipal de Penamacor

Desenho da Página de Rosto extraído de

“A Adeia de João Pires: A Terra e Sua Gente - História e Etnografia” de Ângelo Rei

Paginação:

Vítor Gil

Impressão:

Torrespen - Gráfica

Depósito Legal:

ISBN: 978-972-99678-3-2

Introdução

As pessoas passam, no contínuo fluir das gerações, mas as instituições colectivas permanecem, geradas e ancoradas no sentir profundo das populações e norteadas pelo seu querer e capacidade de realização.

Importa, assim, estudar e revisitar a memória e dialogar com a história. Tal significa analisar, divulgar e dignificar as colectividades que representam a síntese histórica da capacidade, engenho e arte dos seus associados e, também, de toda a população. Em Aldeia de João Pires, é a sua Banda Filarmónica e a União de Aldeia de João Pires, que constituem as mais importantes e significativas realizações. Obra de homens e mulheres que souberam dar as mãos e unir esforços, assumindo-se como elos activos e duradouros entre várias gerações. Todas essas pessoas, músicos e dirigentes, são credoras do maior respeito e homenagem pelo seu grande amor e dedicação à sua terra, num sentimento de pertença e entrega notáveis.

Há sensivelmente dois anos, na festa anual da Banda no primeiro dia de Novembro, na expectativa da comemoração do Centenário, surgiu a ideia de se fazer um livro. A Direcção convidou-me para coordenar tal projecto. Aceitei, com a convicção de que não basta herdar a história, nem é suficiente arquivá-la. Há que merecê-la e dignificá-la pelo seu estudo e divulgação. Desejo que o meu contributo seja útil no sentido de nos abirmos ao abraço fecundo entre o passado e o futuro, assumindo-se o presente de forma responsável e solidária.

Agradecimentos

Neste livro muitas colaborações convergiram, pelo que é de toda a justiça registar e agradecer. Em face dos limitados arquivos da Sociedade a “UNIÃO”, a pesquisa foi orientada por vários testemunhos.

Agradeço à Direcção da “UNIÃO” toda a disponibilidade.

Aos elementos da Banda, sobretudo aos mais antigos e de um modo muito especial ao seu actual e dedicado Mestre, Sr. Manuel Matos Lopes, manifesto o meu grande apreço, estima e agradecimento.

Aos Sr.^s Professor José Candeias Moreira e Professor Dr. Martins da

Cruz, o reconhecimento pelos preciosos testemunhos.

Aos Sr^s. Vítor Leitão de Almeida, Raul dos Reis Lopes, Manuel Serrano e Ângelo Pires o sincero agradecimento pelos testemunhos e disponibilização de fotografias, extensível a todas as pessoas que amavelmente cederam fotografias.

Ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia, o reconhecimento pela colaboração prestada.

Como agradecimento mas, especialmente, como homenagem, quero referir o Sr. Ângelo Ricardo Antunes Rei que não conheci, bem como o seu filho recentemente falecido. Contudo, dirigido aos seus familiares, expresso o meu grande respeito e homenagem pelo notável trabalho de pesquisa realizado ao longo da sua vida e que, dedicadamente, reuniu para ser publicado com o título “Aldeia de João Pires: A terra e a sua gente – História e Etnografia”. Esta obra, por vicissitudes várias não chegou a ser publicada. Mas, aí está a recolha efectuada aguardando que algum filho da terra lhe dê continuação e promova a sua publicação.

Na produção deste livro, colaborou activa e artisticamente o Dr. Joaquim Nabais, a quem expresso o meu sincero reconhecimento.

M. Lopes Marcelo

Nota Prévia

É uma honra enorme presidir à Câmara Municipal ao tempo das comemorações do Centenário da Banda Filarmónica de Aldeia de João Pires.

A Banda sempre mereceu todo o apoio e carinho da Câmara Municipal, pelo trabalho feito, pela formação musical de jovens e menos jovens e pelo bem que soube representar o concelho de Penamacor, em todos os momentos e em toda a parte.

Ao longo deste século de existência, a Banda Filarmónica marcou positivamente a vida não só dos músicos que a integraram, mas de toda a população de Aldeia de João Pires. Estamos seguros que assim continuará a ser.

A obra agora apresentada enaltece um passado de cem anos intercalados de altos e baixos, como acontece normalmente na vida das pessoas e instituições, onde o povo, músicos e dirigentes caminharam e caminham a lado a lado.

Uma palavra de apreço ao Dr. Lopes Marcelo por ter aceite este desafio, pelo trabalho de investigação realizado e por ter produzido esta obra que nos orgulha a todos.

Aos músicos, dirigentes e beneméritos, à população de Aldeia de João Pires o meu muito obrigado por continuarem a dar vida à União de Aldeia de João Pires.

O Presidente da Câmara Municipal de Penamacor

A handwritten signature in blue ink, reading "Domingos Torrão". The script is cursive and elegant, with the first name and last name clearly distinguishable.

(Domingos Torrão)

Índice

- 1 | HISTÓRIA E EVOLUÇÃO
 - 1.1 | A Povoação
 - 1.2 | A Fundação da Banda de Música
 - 1.3 | A Sociedade “A UNIÃO DE ALDEIA DE JOÃO PIRES”
 - 1.4 | O Cinquentenário
 - 1.5 | As bodas de Diamante
 - 1.6 | A Escola de Musica
 - 1.7 | O Centenário
- 2 | MESTRES DA BANDA FILARMÓNICA
 - 2.1 | 1908-1923. O Padre José Maria Lopes Nogueira
 - 2.2 | 1923 a 1963. Sr. António Matos
 - 2.3 | O consulado musical de Jaime Antunes Rei
 - 2.4 | De 1983 à actualidade. Actual Mestre
- 3 | INSTRUMENTOS EM CONCERTO
- 4 | BAPTISMOS
 - 4.1 | A Tradição
 - 4.2 | Alcunhas
 - 4.3 | Album dos baptismos
- 5 | ACTUAÇÕES
 - 5.1 | Deslocações
 - 5.2 | Pequenas estórias e ocorrências
 - 5.3 | Album das actuações
- 6 | CORPOS SOCIAIS E GALERIA DOS SÓCIOS BENEMÉRITOS

1. HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

1.1 A Povoação



Não são conhecidos documentos históricos sobre a fundação e a fundamentação da designação de “Aldeia de João Pires”. Existe no século XIV (2 de Julho de 1331), referência em carta do Rei D. Dinis a herdades de João Pires, grande proprietário com relevante acção povoadora.

Assim, poderá ter fundamento histórico a criação de um povoado com o nome do seu fundador e pertencente ao Concelho de Monsanto.

Já será apenas do domínio da lenda a referência a que tal proprietário muito exigente e duro com os seus rendeiros, tenha sido assassinado quando veio receber as rendas. E não é possível associar esse eventual acontecimento à implantação da Cruz do Rebolo que contém gravada a data de 1728. Se correspondeu à morte de um João Pires, não é possível que tivesse sido o fundador do lugar, já que tal ocorreu vários séculos antes.



Pinho Leal refere que a antiga Aldeia de João Pires era do orago de St^a Maria Madalena e foi curado da apresentação do prior da Aldeia de Salvador, a que esteve anexa durante anos. A sua crescente importância é documentada com a existência da Igreja Paroquial pelos menos desde 1741, o que terá implicado já nos meados do século XVIII autonomia religiosa.

Não sendo possível situar historicamente a fundação da povoação como comunidade autónoma, não há dúvidas de que na segunda metade do Século XIX tinha já autonomia administrativa e religiosa. De facto, com a extinção do Concelho de

Monsanto em 1848, passou a fazer parte do Concelho de Penamacor e o primeiro Pároco referenciado, foi o reverendo Fernando Marques (1852). Em 1861, ensinava nesta Aldeia o professor Miguel António da Fonseca mas, sem carácter oficial. A escola feminina foi criada em 1883

Na passagem do Século XIX para o XX, a exemplo das freguesias vizinhas, o âmbito rural e produção agrícola, era a ocupação de todos os habitantes. A posse da terra estaria concentrada em algumas grandes famílias, com destaque para Franco Frazão, Martins de Carvalho e Moreira. Foram os representantes destas famílias que formaram a Comissão que orientou e assegurou as obras de reconstrução da Igreja Matriz em 1926.

1.2 A Fundação da Banda de Música



Numa terra em que a esmagadora maioria da população tinha, no início do Século XX, pouca instrução e se ocupava nas tarefas do campo, terá acontecido algum facto ou circunstância exterior que introduziu a vertente musical. E aconteceu de forma tão forte e profunda que a mesma se enraizou e se desenvolveu de forma extraordinária.

Estamos em crer que tal circunstância ou factor que fez a diferença, tem a ver com os conhecimentos musicais e com a personalidade do Padre José Maria Lopes Nogueira.

De facto, à formação musical recebida no Seminário o Padre José Maria juntava uma personalidade dinâmica e grande paixão pela arte musical, conforme testemunhos de contemporâneos seus.

É citado por Ângelo Ricardo Antunes Rei, em dossier de apontamentos e testemunhos por si recolhidos, que no início do Verão de 1908, depois da brilhante recepção ao novo Pároco, o Padre José Maria em conversas referiu logo a vertente musical. De facto, na antiga casa de Jaime d'Aguiar Simões reunia-se a nata das pessoas da terra. Para além do anfitrião, Luís Leitão Mendes, Ricardo Antunes Rei e o Sr. Prior que demonstrou as suas habilidades e conhecimentos musicais. Os companheiros deram-lhe conhecimento de que a melhor festa da terra era a de Nossa Senhora da Graça, a oito de Setembro que incluía foguetes e música de fama. Logo, o Sr. Padre José Maria se comprometeu dizendo: " Pois então, este ano, encarrego-me eu de cá trazer uma filarmónica muito afinada e o seu mestre é meu colega". Dos companheiros da conversa, surgiu a ideia de que na

Outra fonte recolhida pelo Professor José Manuel Landeiro antes de 1938 (data da publicação do seu livro “O Concelho de Penamacor, na história, na tradição e na lenda”), refere que a criação da filarmónica terá ocorrido como reacção ao que se passou na festa da Senhora da Graça, provavelmente em Setembro de 1908, conforme consta do texto anexo retirado da obra atrás referida.

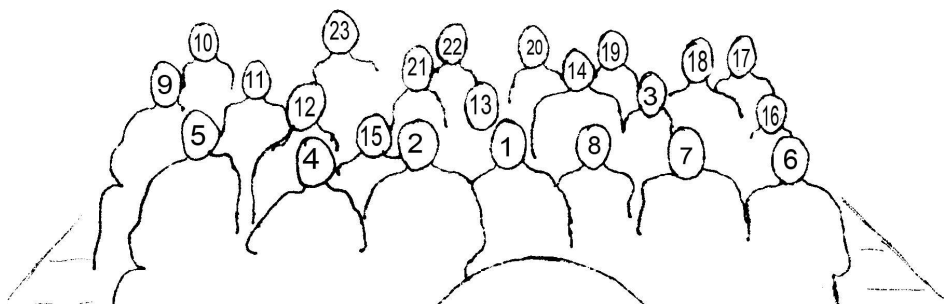
“ Uma ocasião, quando o Sr. Padre José Maria, esteve pároco, pela primeira vez, na nossa Aldeia,... a musica de Penamacor foi à nossa Aldeia abrilhantar a festa da Senhora da Graça: Sucedeu que a música já não sei porquê, foi-se embora para Penamacor antes de se pôr o sol e sem ter acabado o ramo. O povo alterou-se com este gesto. Juntamo-nos diversos rapazes e resolvemos levar avante a criação de uma música na nossa terra: Foi nosso Mestre o Sr. Prior. Os instrumentos vieram da Covilhã, da casa do Sr. Conde de Calheiros. Eram de segunda mão. Quando eles vieram fomos esperá-los a Penamacor. Não calcula a alegria que houve no nosso povo. A nossa música foi muito boa e só começou a falhar depois de o Sr. Prior ter saído da Aldeia. Apesar de não termos mestre, tínhamos o contra-mestre que era o S’Tonho (António Pires Leitão). Nunca desanimamos e, sem mestre, fizemos muitas festas. Para o povo, o que é preciso para a música ser boa é fazer barulho e nós nisso não ficávamos atrás, nem à música do Pedrógão, nem à música de Penamacor”.

In “ O Concelho de Penamacor, na história, na tradição e na lenda”, pagina 208;
Professor José Manuel Landeiro (2ª Edição)

Sem a certeza dos pormenores das datas, perante a paixão musical do Sr. Prior, a aprovação dos seus principais interlocutores e o entusiasmo dos mais jovens, a ideia ganhou asas. Levantou-se, então, o problema da falta de dinheiro para os instrumentos que, novos ou usados, o Sr. Padre sabia onde os poderia comprar. A Senhora D^a Luzia Ribeiro Simões, em cuja casa no Largo do Poço Novo (hoje, Largo D^a Amália Oliveira Monteiro), decorriam as conversas das pessoas mais avançadas da terra, sugeriu que a Senhora Violante tinha recebido a herança da sua irmã mais velha,



Fotografia de 1911



1- Pe. José Maria Lopes Nogueira
Mestre
2 - João da Cruz Monteiro
Clarinete
3 - Manuel Carreto Rebelo (Charolda)
Trompa
4 - Bernardo Moreira Ribeiro
Flautim
5 - António Mendes da Cunha (Bitas)
Clarinete
6 - José Galfarro
Cornetim
7 - António Pires Leitão (Stónho)
Cornetim
8 - Joaquim Tavares (Chanarico)
Barítono

09 - Manuel Martins (Carriço)
Caixa
10 - Manuel Oliveiros
Caixa
11 - António Matos (Área)
Trombone
12 - Américo Prata Moura
Clarinete
13 - António Matias Ribeiro
Trompa
14 - Domingos Geraldês (Castro)
Trombone
15 - António Jaime Simões
Cornetim
16 - Joaquim da Costa (Nico)
Tamboreta

17 - António Duarte
Pratos
18 - Ricardo Antunes Rei
Bombo
19 - António Ribeiro (Tuna)
Contrabaixo
20 - Miguel Romão (Frêtas)
Bombardino
21 - António Matos (pai)
Cornetim
22 - Domingos Cigarro
Trompa
23 - Félix Portugal
Contrabaixo

constante de umas libras de ouro e que, certamente, não se importaria de dispor do dinheiro.

A Senhora Violante não levantou quaisquer dúvidas e emprestou o dinheiro à responsabilidade do Sr. Prior, na importância de 60\$00 (sessenta mil reis) que era o custo dos instrumentos usados.

Tendo já algumas lições de iniciação, lá foram a Penamacor buscar os instrumentos adquiridos na Covilhã, em segunda mão, recebidos em grande alegria pela população. Intensificaram-se os ensaios na loja da Casa Paroquial (hoje Centro de Dia), e já cada músico com o instrumento da sua vocação, na parte final de 1908, em data que não se pode precisar, deu-se a saída inaugural da Banda Filarmónica, acompanhando uma Procissão ao longo da estrada da fonte ao chafariz. Por entre o entusiasmo popular lá marcharam garbosamente ao som de uma pequena marcha, de que só houve tempo de aprender metade da partitura, apenas seis compassos, da autoria do seu fundador. O Padre José Maria, a certa altura e cada vez mais animado, não se conteve e numa das noites de ensaio na parte final daquele ano de 1908, avançou com a Banda e entrou na vizinha Aldeia do Bispo, no meio de grande alegria dos dois povos, pois a rapaziada de Aldeia de João Pires acompanhava sempre a sua Música nestes passeios musicais.

Entretanto, começaram logo a surgir contratos para a actuação da Banda nas festas das aldeias vizinhas, pelo que ficou a ser conhecida e muito apreciada.

Em 1911, supõe-se que no mês de Novembro, a Banda Filarmónica, acompanhada do seu fundador e regente, Padre José Maria, deslocou-se propositadamente a Medelim para tirarem uma foto, que constitui o primeiro documento ilustrativo de todo o primeiro grupo e tem um grande significado histórico.

Na sequência da implantação da Republica em 1910, seguiu-se um período de agitação em que a perseguição às Ordens Religiosas e à Igreja Católica foi muito forte, com a alteração das funções dos Párocos resultante da Lei do Registo de Afonso Costa em 1911. Acresce que o Pe. José Maria era um fervoroso adepto da monarquia e, em 1912, perante a notícia de que o movimento chefiado por Paiva Couceiro tinha restaurado a Monarquia no Norte, não se conteve e proclamou restaurada a Monarquia em Aldeia de João Pires em clima de festa e com foguetes. Quando a notícia chegou à guarnição militar aquartelada em Penamacor, logo a tropa saiu para repor a ordem republicana. Ao chegarem a Aldeia do Bispo, alguém veio a correr avisar que vinha lá a tropa.

O Pároco de Aranhas, Pe. António Esteves Leitão, que tinha participado na festa da restauração da monarquia em Aldeia de João Pires, seguia para Aranhas de mula escoltado por quatro caçadores armados de espingarda com objectivo de, também ali, restaurar a monarquia. Quando lhes chegou a notícia de que a tropa estava perto, a mula foi guardada num palheiro e o Padre escondeu-se. A tropa entrou no palheiro, passou a baioneta os fardos da palha mas, não encontrando ninguém, lá prosseguiu a busca até que prendeu o Pároco de Aranhas.

Quando o Pe. José Maria teve conhecimento da aproximação da tropa, para além de ter mandado avisar o Pároco de Aranhas, fugiu em direcção a Monsanto. Tendo a tropa já muito perto de si, escondeu-se numa mina ou viaduto, a tropa passou por cima e regressou sem o encontrar. Ficou escondido durante algum tempo numa mina na quinta de S. Lourenço. Algumas pessoas sabiam e protegiam-no levando-lhe mantimentos. Há relatos de pessoas já idosas, ouvidos a seus pais, dizendo que levavam escondidas nos caldeiros panelas de comida sendo cobertas com folhas de couves tapadas com cinza.

Também consta que terá estado escondido com o Pe. José Maria o proprietário monárquico Dr. João franco. Não se sabe quanto tempo terá durado tal esconderijo, pois o Pe. José Maria fugiu para Espanha em direcção a Moraleja e Cáceres até alcançar o porto de Cádiz de onde embarcou para o Brasil, aonde teve paróquia durante vários anos. Este episódio do esconderijo e fuga do Pe José Maria foi relatado pelo Sr. Professor Dr. Martins da Cruz que o ouviu ao Pe. José Maria.

A Banda passou, então, um período difícil valendo-se da prata da casa, sendo regida pelo músico António Pires Leitão (S'Tonho) que era antes Contra-Mestre. Os ensaios continuaram a ser realizados na loja da casa Paroquial, com menor regularidade, embora sem nunca desanimarem.

Depois de voltar a Portugal o Pe. José Maria, foi Pároco em Bogas-de-Baixo. Contudo, as pessoas de Aldeia de João Pires tudo fizeram para o terem de volta, insistindo no pedido junto do Sr. Bispo da Guarda.

“O Padre José Maria, ao refugiar-se em Espanha, ficou numa povoação junto à fronteira. Logo que a noticia chegou à Aldeia, muitas pessoas da paróquia o visitavam, levando-lhe palavras de conforto e alimentos para poder fazer face à difícil situação. Nas suas conversas, manifestava o desejo de um dia poder voltar a ser o pároco da Aldeia porque

tinha gostado muito da sua boa gente, muito acolhedora, onde deixou grandes amizades.

Quando o nosso país voltou a ter estabilidade, o Padre José Maria regressou à sua terra natal (Valverde) no Concelho do Fundão. Os seus grandes amigos Ricardo Antunes Rei e Domingos Antunes Rei, deslocaram-se à terra do Sr. Padre e pediram-lhe que voltasse para a Aldeia que o povo ansiava por ele. Como isso dependia do Sr. Bispo, deslocaram-se à Guarda e fizeram o pedido: que o Padre José Maria fazia muita falta, porque era muito estimado na paróquia e tinha começado lá a organizar uma filarmónica e só ele podia dar-lhe continuidade. E assim, conseguiram que o Padre regressasse a Aldeia de João Pires.

Lutava-se com falta de dinheiro para a compra de papel de música, partituras, petróleo, bancos, estantes, arranjos de instrumentos, porque tinham sido comprados velhos. De facto, não havia dinheiro para instrumentos que eram muito caros. Resolveram fazer uns festejos no Espírito Santo, para angariar dinheiro, convidando uma tuna de Castelo Branco que vinha abrilhantar a festa gratuitamente: Fizeram todos os preparativos para receber os convidados, até um coreto em madeira. Na madrugada desse dia, um dos organizadores ao chegar ao local, deparou com o coreto queimado pelo fogo. Veio de imediato dar a notícia aos restantes e, em poucas horas, o coreto estava de novo erguido.

Assim, mais uma vez, o povo deu a conhecer aos seus adversários a força de um povo por uma causa nobre. Foi contra todas estas contrariedades provocadas pelos poderosos da terra, que o povo lutou por um bem tão desejado, histórico, que é o orgulho da nossa terra e um símbolo do Concelho.”

Depoimento de Ângelo Antunes Pires, com 73 anos de idade e mais de 60 como músico.

O regresso do Pe. José Maria como Pároco de Aldeia de João Pires deve ter ocorrido nos finais de 1926, já que o primeiro registo do seu regresso

é assinalado num assento de casamento de Janeiro de 1927.

Não se sabem as razões, mas não deixa de ser curioso assinalar que qualquer dos Párocos que sucederam ao Pe. José Maria (Pe. Manuel Matos Silva – 1913/22; Pe. António Esteves Leitão – 1924 e Pe. Joaquim dos santos Morgadinho – 1925) não tiveram um contributo ou relação relevante com a Banda Filarmónica. Provavelmente, porque, quer o Pe. Manuel Matos Silva quer o Pe. António Esteves Leitão, não eram Párocos titulares de Aldeia de João Pires, pois acumulavam com as suas paróquias principais, as Águas e Aranhas respectivamente.

A criação da banda Filarmónica e toda a sua actividade, incluindo os ensaios, constituiu a principal força de entusiasmo mobilizadora de toda a povoação. O povo acorria em massa para presenciar os ensaios e acompanhavam a Banda nas suas deslocações. Em face de tal adesão popular, verificou-se descontentamento nas casas ricas. De facto, os patrões não viam com bons olhos tal entusiasmo e capacidade de iniciativa popular, até porque pretendiam que os trabalhadores deles dependessem. Terão mesmo ameaçado algumas famílias: a Banda ou o trabalho! Mas, como o povo vivia a música com muito entusiasmo, ganhou a reafirmação e consolidação da sua auto-estima, apoiando a sua Banda, mesmo que alguns tenham perdido as “boas graças” e o trabalho nas casas ricas. De facto, o projecto e a iniciativa da Banda Filarmónica mantiveram-se mesmo para além da capacidade de motivação e de liderança do Pe. José Maria que foi decisiva nos primeiros anos. E, com altos e baixos, prolongou-se até à criação da Sociedade União de Aldeia de João Pires em 1924.

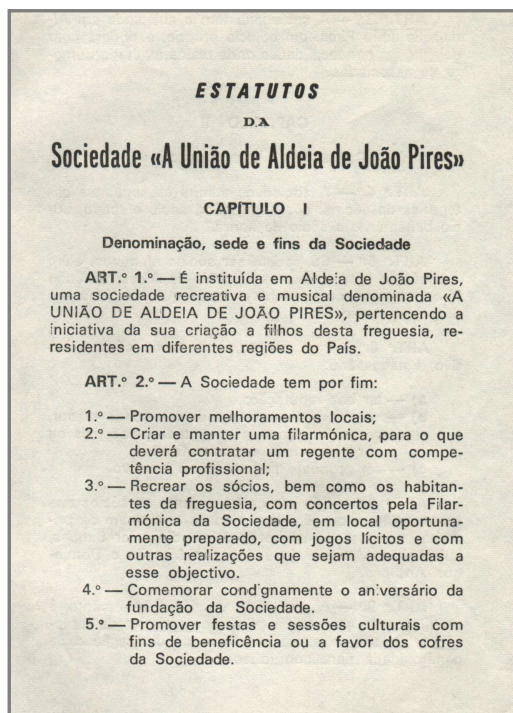
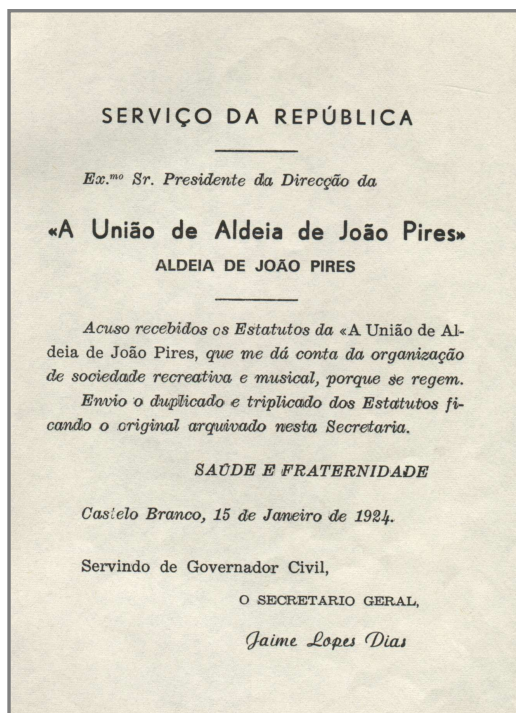
É, de facto, notável que num tempo em que parte significativa dos elementos da banda não tinham instrução de letras, tocando de ouvido ou decorando as pautas, a vibração musical tivesse conquistado a profunda adesão de toda a Aldeia. Tal só revela e confirma que a cultura popular é feita de alfabetos de vários saberes, sendo relevante a capacidade do povo para criar, assimilar, partilhar e desenvolver todo um alfabeto próprio de imagens e de gestos fecundos.

1.3 A Sociedade União de Aldeia de João Pires



Estando bem enraizada na memória afectiva e no quotidiano do povo a sua Banda, ganhou força a necessidade de a enquadrar do ponto de vista legal e de se tentar construir uma sede própria.

Em 1923, existia com carácter informal uma Comissão Instaladora de uma Sociedade Musical que em vinte e dois de Setembro aprovou os futuros Estatutos. Desta Comissão Instaladora foi Presidente e entusiasta da primeira hora o Sr. Jaime de Aguiar Simões, tendo como Tesoureiro o Sr. José Joaquim Moreira e Secretário o Sr. Luís Leitão Mendes. O passo seguinte, foi requerer-se ao Governo Civil a aprovação oficial dos Estatutos e a atribuição do respectivo alvará, diligências que o Tenente Domingos Antunes providenciou com grande empenho e eficácia.



Assim em 15 de Janeiro de 1924, nasceu oficialmente a SOCIEDADE UNIÃO de ALDEIA DE JOÃO PIRES. Subscreveram, como fundadores, os seus Estatutos os elementos atrás referidos da Comissão Instaladora e o Tenente Domingos Antunes que foi o relator do texto dos Estatutos. O fim principal, para além dos melhoramentos locais, de tal Associação Cultural foi o de criar e manter uma Filarmónica, como consta dos artigos primeiro e segundo dos Estatutos. É igualmente, muito interessante a referência aos direitos dos sócios, constante do Regulamento da Sociedade, e de que se faz eco pela citação seguinte:

“A SOCIEDADE A UNIÃO de ALDEIA DE JOÃO PIRES, direitos dos sócios.

...A filarmónica daria concertos todos os domingos, de tarde e promoveria uma festa anual. Os direitos dos sócios, entre outros são: o transporte em 2ª classe, nos Caminhos de Ferro, pago pela conta da Sociedade, da terra da naturalidade para a da sua residência, ou vice-versa, dentro do Continente da Republica, aos sócios que no espaço de tempo de um ano, proponham vinte, quarenta ou cem sócios respectivamente de 1º e 2º graus, sendo este artigo do seguinte § único: Para gozar a regalia de que trata o numero anterior, é necessário que os sócios propostos tenham pago a 3ª cota. As jóias são 7\$50, 3\$00 e 1\$50 e a cota mensal de 5\$00, 2\$50 e 1\$00, respectivamente, para os sócios de 1º e 2º graus. Fez-se, durante alguns anos a festa de S. Lourenço que além do culto religioso, constava de arraial, com quermesse e fogo de artifício”

in “O Concelho de Penamacor, na história, na tradição e na lenda “Professor José Manuel Landeiro (2ª Edição)

Quanto à sede da União, funcionou provisoriamente na casa onde a primeira Direcção costumava reunir, pensa-se que na casa do Presidente Sr. Jaime d’Aguillar Simões. Foi Tesoureiro da primeira Direcção o Sr. José Joaquim Simões e Secretário o Sr. Luís Leitão Mendes.

Sociedade Recreativa e Musical, a “União”, contando com o entusiasmo

dos seus fundadores, embora tendo vivido nos primeiros anos de vida com muitas dificuldades, empreendeu uma significativa campanha de angariação de sócios.

No ano de 1923 a Comissão Instaladora e o principal mentor dos estatutos da Sociedade a União de Aldeia de João Pires, Tenente Domingos Antunes, a par das diligencias inerentes à constituição da nova colectividade, demonstraram uma grande preocupação em restaurar a banda Filarmónica. Por falta de Direcção, Mestre e músicos devidamente preparados, com os instrumentos guardados na residência Paroquial, a banda encontrava-se estagnada.

Então, o Tenente Domingos Antunes interpretando o sentimento colectivo de grande amor à banda desempenhou um papel fundamental. Tinha já sido contratado um Mestre e era necessário que os instrumentos musicais fossem disponibilizados. Contactado o Pe. José Maria, que já tinha regressado do Brasil, no sentido da restituição dos instrumentos musicais, terá recusado entendendo ser seu o instrumental e que o entregaria mediante pagamento.

Embora fosse convicção de todos que o instrumental pertencia ao povo de Aldeia de João Pires, o tenente Domingos Antunes, com a sua diplomacia aceitou comprar o instrumental ao Pe. José Maria pela quantia de 750\$00, com dinheiro seu e que nunca pretendeu reaver. Segundo o relato de Ângelo Ricardo Antunes Rei, este acontecimento teve lugar na segunda-feira de Carnaval de 1923. Estando presentes quase todos os músicos da banda, no momento em que recebiam os instrumentos, vestiram as jaquetas, entraram em formatura e tocando algo desafinado voltaram a marchar pelas ruas tradicionais da Aldeia. Estava reiniciada a actividade da Banda Filarmónica e definitivamente dentro da Sociedade a União. A regência voltou a ser entregue ao músico Sr. António Pires leitão e a seguir ao músico Sr. Filipe Mendonça Escoto casado em Aldeia de João Pires.

Em 1926 a Sociedade Recreativa e Musical “União de Aldeia de João Pires”, dinamizada pelo Tenente Domingos Antunes e já com bastantes associados, promoveu grandes festejos de carácter religioso e popular em honra de S. Lourenço. O arraial foi no Largo do Espírito Santo e chão anexo e contou com fogo de artifício, preso e do ar. A Banda Filarmónica teve coreto próprio, onde executou o seu belo reportório. À noite, assistiu-se a um teatro de amadores composto exclusivamente de gente de Aldeia de João Pires.

Em 1 de Abril de 1928, foi enviada uma circular a todos os conterrâneos,

visando angariar donativos para a construção da sede da União que aqui se publica.

Aldeia de João Pires, 4 de Abril de 1928

Ex.^{mo} Sr.

CIRCULAR

A comissão abaixo assignada vem, por este meio dar conhecimento a V. Ex.^a que se constituiu com o unico fim de promover na terra que nos serviu de Berço, alguns melhoramentos compatíveis com as suas forças tornando-a assim mais confortavel a todos nós. E' do conhecimento de V. Ex.^a que existe aqui uma Filarmonica e, que, há alguns anos se fundou uma Sociedade para lhe dar vida e a fazer progredir com melodo e acerto. Tambem deve sêr do conhecimento de V. Ex.^a que devido a lamentaveis mal-entendidos esta estêve esfacelada e sem meios de existencia. Esse estado morbido vinha-se arrastando há tempos a esta parte, a pontos de chegar a risco de se perderem de vez, Filarmonica e Sociedade, perdendo se, com isso, o que melhor há na nossa terra natal, onde vivem os nossos queridos avós, pais, irmãos e em suma, onde decorreram os nossos primeiros dias de infancia! Felizmente, êsse mal foi evitado por alguns «amigos de Aldeia» que acabam de fazer a compra de alguns instrumentos (maioria do instrumental existente) ao Ex.^{mo} Sr. Padre José Maria Lopes Nogueira, que, dêles era proprietario, assegurando definitivamente, a Aldeia, a sua Filarmonica, unica distração que aqui existe, para aliviar o aborrecimento aldeião que a todos abraça nos dias que aqui vimos passar.

E' indescritivel o entusiasmo da nossa gente ao saberem desta sensacional noticia, quando já contavam com a Filarmonica morta. Nunca, até então, se viu vibrar de tanta alegria esta pacata e ordeira gente!! Nesta data tudo e todos estão unidos para o unico fim — progresso e nome para a nossa Aldeia. Não há, presentemente, a minima nota discordante, e no dia em que assim não seja, esta comissão dissolver-se-há, depois de esgotados os seus esforços para que desapareçam os terriveis mal-entendidos, que por ventura venham surgir.

E' nestas circunstancias que esta comissão se constituiu, sendo o seu primeiro acto, começar a angariar donativos para a construção de uma casa para Sede da Sociedade, com que bastante honraremos a Nossa Aldeia. Para êsse fim, resolvemos, desde já, rifar um relógio de algebeira, marca «OMEGA», pelo que, tomamos a liberdade de enviar a V. Ex.^a, bilhetes cuja importancia, se assim o desejar, será enviada a qualquer dos membros desta comissão até 30 de Maio.

Tambem informamos V. Ex.^a que, á frente da Filarmonica, se encontra, como Regente, o Ex.^{mo} Sr. Filipe de Mendonça Escoto, desde esta data.

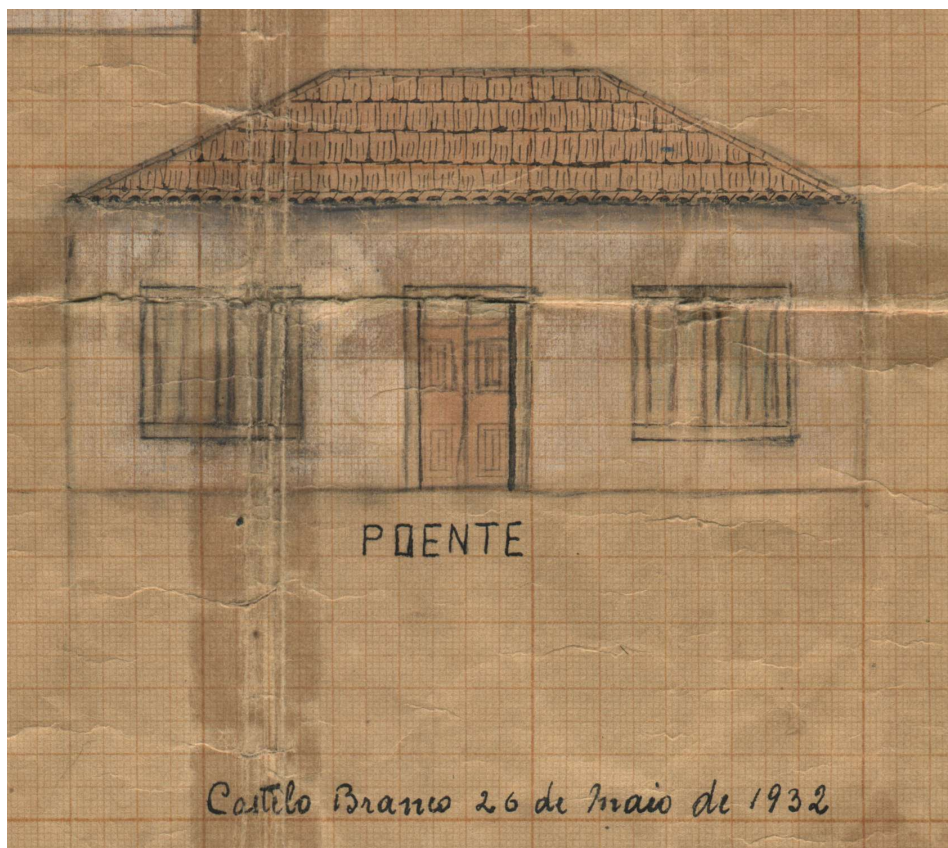
Sem outro assumpto,

Agradece a V. Ex.^a penhoradamente, todo o auxilio que preste a ésta cruzada

A COMISSÃO

Antonio Manuel Ribeiro
José Valente Romão
Luiz Leitão Mendes
Guilherme Augusto de Mendonça
João da Cruz Monteiro
Joaquim Machado
Ricardo Antunes Rei
José Antunes Rei
José Julio Jacintho
Domingos Antunes

Por volta de 1930, foi ganhando força o projecto de se construir um edifício para sede da União, mas não havia dinheiro nem terreno para tão audacioso empreendimento. Surgiu, então, um benfeitor, José Matias Iná, que ofereceu o terreno, Os músicos, que eram pedreiros, carpinteiros e com outros ofícios, ofereceram o seu trabalho, madeiras e outros materiais. Do projecto da sede, elaborado em 1932 e da autoria de António Pires Antunes se dá conta do alçado principal.



Os esforços visando a construção da sede envolveram campanhas de angariação de sócios e outras actividades. Foi organizado entre os músicos e seus familiares um grupo de teatro que levou ao palco peças muito engraçadas, a que o povo acorreu com muito entusiasmo. Tudo veio a concorrer para melhorar as condições financeiras da “UNIÃO” e permitir concretizar o projecto da sede.



Constituindo documento relevante, publica-se uma fotografia da Banda de 1938, tirada frente à S.R.M.



1 - Domingos Freitas Soalheiro
2 - António Matos
3 - José Leitão Delgado
4 - Leonel Pinto de Almeida
5 - António Pires Leitão
6 - António Passos Mendes

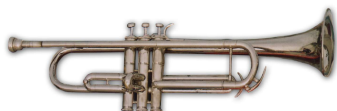
07 - Álvaro Passos Mendes
08 - João Gerales
09 - Manuel Afonso
10 - António Mendes Vicente
11 - Manuel Serrano
12 - António Nunes Monteiro

13 - Alfredo Pires Leitão
14 - José Pires
15 - Joaquim da Cruz
16 - Manuel Antunes Lúcio
17 - Mestre Ferreira

Eram tempos difíceis mas em que o povo, no seu heroísmo quotidiano, silencioso, assumiu gestos de grande partilha e solidariedade destes anónimos que se filiam na alma colectiva feita de capacidade de resistência, entusiasmo e vibração da auto-estima pelos valores implícitos na matriz cultural comum. Destes, também individuais, em que se destaca a acção notável do Tenente Domingos Antunes apoiado por outro patrício empenhado, Tenente Manuel Ribeiro e outros dirigentes, associados e amigos que disponibilizaram contributos financeiros.

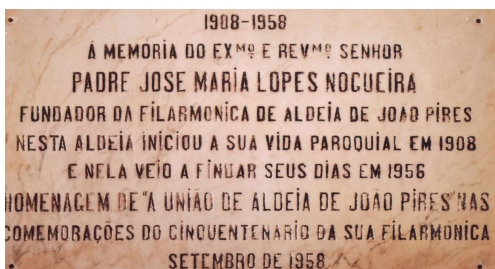
Construída a sede na década de trinta, mais se consolidou e afirmou a actividade da Sociedade “A UNIÃO”, quer enquadrando e sustentando a Banda Filarmónica, quer abrindo a sede à prestação de cuidados médicos à população e promovendo outras actividades culturais e recreativas: teve grande significado social a abertura do Posto Médico que, devido à acção do Sociedade “União”, a Aldeia de João Pires foi a primeira freguesia do Concelho a ser dotada deste importante serviço. Na obtenção dos equipamentos adequados à prestação de cuidados de saúde, teve uma acção importante o Sr. Professor José Candeias Moreira e a prestimosa colaboração do Sr. Victor Leitão de Almeida que na altura trabalhava no Hospital de St^a Maria tendo aí conseguido equipamento já usado que ele próprio restaurou. Nesta época, já era preponderante a acção do jovem músico e Mestre Jaime Antunes Rei, filho de um dos elementos mais decisivos no período inicial da Banda, o Sr. Ricardo Antunes Rei. Nas décadas de trinta e quarenta do século passado, Jaime Antunes Rei era militar músico no activo, mas acompanhava com grande empenhamento e disponibilidade a actividade da Banda, face ao seu enorme espírito de sacrifício e de entrega à actividade da Banda. Com o seu apoio, veio reger a Banda Filarmónica o Mestre António Manuel Pinto, de 1932 a 34: A partir de 1934, assumiu a regência o excelente músico de trompete, Sr. António Matos que foi mestre até 1960.

1.4 O Cinquentenário



Em 1958, uma nova Direcção foi eleita, sendo Presidente o Professor José Candeias Moreira, Secretário António Manuel Clemente e Tesoureiro Manuel Antunes Lúcio. Aproximava-se a comemoração do cinquentenário da criação da Banda Filarmónica que iria coincidir com a festa religiosa de N^a Senhora da Graça. As festas comemorativas tiveram lugar nos dias 7, 8 e 9 de Setembro. Um dos momentos altos consistiu na homenagem ao Sr. Padre José Maria Lopes Nogueira como músico, fundador e mestre da Banda. A sua forte personalidade e total dedicação gravaram o seu nome a ouro na história de Aldeia de João Pires.

Como iniciativa de tal homenagem destacam-se a colocação de uma placa comemorativa na sede da “União” e a atribuição do nome de Largo Pe. José Maria Lopes Nogueira, ao antigo Largo popularmente designado por Largo do Rato.



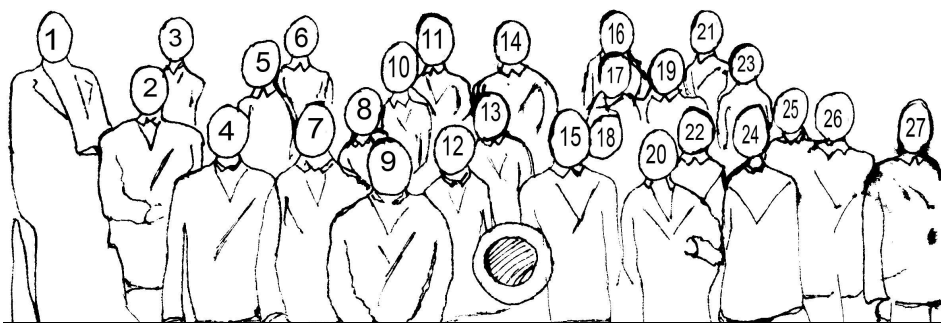
Tomaram parte os familiares do homenageado, o Presidente da Câmara Municipal de Penamacor, as forças vivas da terra e todo o povo. O Sr. Tenente Domingos Antunes, fez um empolgante discurso, evocando as qualidades do Padre José Maria.

As festas do cinquentenário foram extraordinárias. Para se poder imaginar tal grandeza é necessário atender a que não existia energia eléctrica. Contudo, iluminaram-se as ruas desde o largo até à sede com lâmpadas de pavio em tigelas de azeite, por entre outros enfeites vistosos até essa altura nunca vistos na aldeia.

[illegible]



A fotografia de 1959 representa a banda próxima do ano do cinquentenário. A sua reprodução constitui um documento de inegável valor.



1 - Joaquim Machado | (Dirigente)
 2 - António Matos | Mestre
 3 - Armindo Pereira | Clarinete
 4 - José Moiteiro | Pratos
 5 - José Tomé | Clarinete
 6 - Joaquim Rei | Trompa
 7 - António Fidalgo | Saxofone Alto
 8 - Alfredo Pinto | Trompa
 9 - Joaquim da Cruz | Caixa

10 - António M. Vicente | Clarinete
 11 - João Manuel Serrano | Trompete
 12 - José Delgado | Contrabaixo
 13 - Joaquim Lopes | Contrabaixo
 14 - José Lopes | Clarinete
 15 - Fernando Lopes | Cornetim
 16 - António Matias | Cornetim
 17 - Carlos Rei | Porta-estandarte
 18 - José Cruz | Flauta

19 - Fausto Almeida | Trombone
 20 - Manuel Fidalgo | Sax. Soprano
 21 - José Portugal | Trompa
 22 - Carlos Lopes | Barítono
 23 - Manuel Lúcio | Contrabaixo
 24 - Manuel Serrano | Barítono
 25 - António Lúcio | Bombo
 26 - Carlos Leitão | Trompete
 27 - Manuel Bernardino | Caixa

Para além da iluminação à minhota envolvendo fitas, bandeiras e balões, ganhou especial destaque o fogo de artifício, preso e do ar, que surpreendeu e maravilhou todos os filhos de Aldeia de João Pires e os muitos forasteiros presentes. O brilho das festas do cinquentenário, constituiu uma vibração profunda de auto-estima e afirmação cultural que enriqueceu a consciência colectiva de todos os naturais de Aldeia de João Pires. É através de tais vivências que se aprofunda o sentimento de pertença à Matriz da Identidade Cultural comum, que se manifesta no património indelével de cada Comunidade. Em relação a Aldeia de João Pires, a sua Banda Filarmónica e a actividade associativa da sua “UNIÃO”, são as bandeiras mais relevantes que têm um lugar muito especial no coração de todos os seus filhos, que a souberam alimentar de geração em geração.

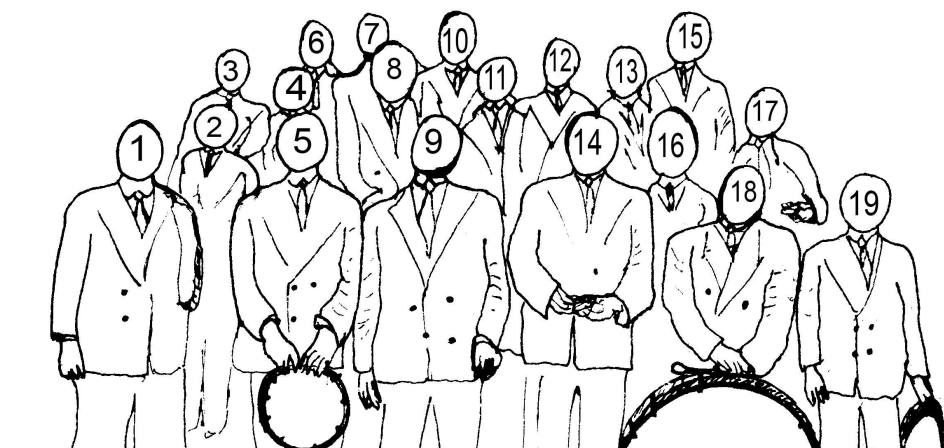
A “Música”, como o povo afectuosamente a designa, sempre que partia ou regressava das festas, era tradição serem deitados alguns foguetes ao ar. O povo, em genuína manifestação de alegria, vinha às janelas ou saía para as ruas dando vivas, batendo palmas e cantando com a sua banda.

Cabe aqui evocar que a par da honra e da acção formativa que decorria de ser elemento da banda, tal representava, também muitos sacrifícios e exigia uma entrega total. Quando as terras ficavam distantes, as estradas eram poucas e os caminhos difíceis, não havia praticamente transportes. Então, os músicos deslocavam-se a pé ou em burros até terras longínquas: Segura, Salvaterra do Extremo, Monfortinho, Castelo Branco e também a Espanha: Valverde del Fresno, Zarza la Mayor, Piedras Altas. Demoravam-se vários dias de viagem para a participação de um dia inteiro na festa: da alvorada até à meia-noite. No dia seguinte era o regresso, cansados e por vezes mal alimentados, mas com uma grande alegria íntima e uma capacidade de resistência notáveis. Quando entravam na Aldeia, não deixavam de dar a sua arruada e lançar alguns foguetes, sendo recebidos com o carinho e admiração do povo.

De 1960 a 1963 veio de fora o Mestre Carlos Osório e, a partir de 1963, voltou a residir na Aldeia o Mestre Jaime Antunes Rei que assumiu por inteiro a sua querida Banda.



Fotografia de 1962



1 - José Delgado | Contrabaixo
 2 - Adelino Leitão | Sax Trompa
 3 - Carlos Lopes | Trompete
 4 - José Lopes | Clarinete
 5 - Lázaro Pires | Caixa
 6 - Dionísio Soalheiro | Sax. Alto
 7 - José Vieira | Sax. Soprano

08 - António Lúcio | Trombone
 09 - António Matos | Mestre
 10 - Carlos Rei | Trompete
 11 - Fausto Almeida | Trombone
 12 - Domingos Soalheiro | Requinta
 13 - Joaquim Lopes | Contrabaixo
 14 - José Moiteiro | Pratos

15 - José Portugal | Clarinete
 16 - Vítor Leitão | Trompa
 17 - António Leitão | Sax. Trompa
 18 - Joaquim da Cruz | Bombo
 19 - José Pires | Caixa

Em 1963, assumiu a Direcção da “UNIÃO” o Professor José Candeias Moreira e, em boa hora, foi enviada uma CIRCULAR convidando todos os filhos da terra a serem sócios, tendo em vista o acabamento da sede, conforme aqui se transcreve.

Sociedade Recreativa e Musical
“A União de Aldeia de João Pires”

22/7/63

CIRC

Prezado Conterrâneo e amigo

Ao iniciar a sua actividade, a nova direcção de a “Sociedade Recreativa e Musical A União de Aldeia de João Pires” vem mui respeitosamente apresentar os seus melhores cumprimentos e ao mesmo tempo aproveitar a feliz oportunidade para contactar, se bem que indirectamente, com V. Ex.cia e Ex.ma Família.

Esta nova direcção alicerçada na experiência de uma vontade indómita de outros, todos olhando para o engrandecimento da nossa querida terra, como não podia deixar de ser, tem o seu plano elaborado. Esse plano será submetido à apreciação dos sócios, mas desde já podemos adiantar que ele se baseia nos seguintes pontos:

- a) Acabamento da sede, seu mobiliário, televisão e serviço de bufete.
- b) Actualização dos Estatutos.
- c) Organização de Sessões de carácter cultural recreativo e desportivo.
- d) Protecção na medida do possível ao Centro Paroquial de Assistência e aos mais pobres.

Para começar, podemos desde já anunciar a instalação da luz eléctrica na nossa tão magnifica sede, aquisição de mobiliário, serviço de bufete, bailes, etc., etc.. E claro que, para que tudo isto seja realidade, será necessário que todos os habitantes da nossa querida Aldeia colaborem da melhor maneira, inscrevendo-se como sócios desde o mais humilde ao mais abastado, desde aquele que respira o ar alegre da nossa terra, àquele que por paragens longínquas vem saudosamente receber um beijo quente daqueles que cuja saudade tanto custa a suportar.

Nesta mesma circular, vai junta a ficha de inscrição de sócio que V. Ex.cia preencherá devidamente e nos enviará na volta do correio com a respectiva importância anual ou mensal que desejar, assim como algum donativo que achar justo para ajuda de tão grandes encargos iniciais que a Direcção terá de suportar.

A Direcção

(O Presidente) José Candeias Moreira
(O Secretário) António Manuel Clemente
(O Tesoureiro) Manuel Antunes Lúcio

A reconstrução e ampliação da sede que já vinha da década de cinquenta, consolidou-se nos anos sessenta. De facto, contando com a disponibilidade de terrenos da parte do amigo Manuel Iná foi possível concretizar as obras de acréscimo do 1º andar. Tal ampliação contou com a valiosa acção do Dr. António Martins da Cruz, tendo sido através dos seus conhecimentos que foi obtido um subsídio do Estado no valor de 75.000\$00. Com o trabalho voluntário de muitos associados, acrescentou-se o 1º andar, e construiu-se o bar. No rés-do-chão do edifício foi instalado o gabinete médico e, ao lado, o apoio de enfermagem para atendimento ao público. Nessa altura, da parte de António Pires Mendes obteve-se o empréstimo sem juros de 20.000\$00 que, mais tarde, acabaram por ser convertidos em donativo.

Em 1964, no dia 1 de Novembro, a Direcção presidida pelo Professor José Candeias Moreira, com a colaboração do Tenente Domingos Antunes, promoveram uma homenagem aos membros da Comissão Instaladora da Sociedade Recreativa e Musical “A UNIÃO DE ALDEIA DE JOÃO PIRES”, que se realizou no salão da já ampliada sede. O Sr. Tenente Domingos Antunes e toda a Direcção enaltecera a decisiva acção empenhada de tais conterrâneos, tendo sido colocados no salão quadros com as fotos ampliadas dos fundadores, perante grande emoção de todos, com destaque para as famílias dos já falecidos.

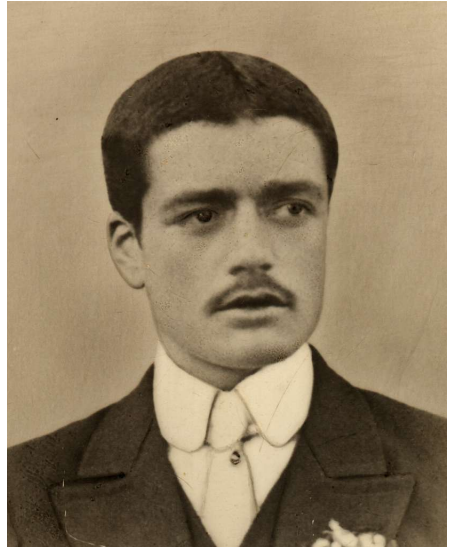
JAIME DE AGUILAR SIMÕES

Foi Presidente da Comissão Instaladora em 2 de Setembro de 1923 e Presidente da primeira Direcção Administrativa, em 1 de Janeiro de 1924. Foi uma personalidade versátil e poeta popular, pai de 18 filhos, entre eles os sócios fundadores, Senhores António, Sebastião e José Jaime Simões; os quais contribuíram com a quantia avultada para a construção da Sede da Sociedade e do coreto público construído no Largo do Espírito Santo. Nasceu em Aldeia de João Pires em 25 de Março de 1867 e faleceu em 2 de Setembro de 1943.



JOSÉ JOAQUIM MOREIRA

Foi Tesoureiro da Comissão Instaladora em 2 de Setembro de 1923 e Tesoureiro da 1ª Direcção Administrativa de UNIÃO em 1 de Janeiro de 1924. Nasceu em Aldeia de João Pires em 7 de Setembro de 1887 e faleceu em 10 Julho de 1924.



LUÍS LEITÃO MENDES

Foi secretário da Comissão Instaladora em 2 de Setembro de 1923 e Secretário da 1ª Direcção Administrativa em 1 de Janeiro de 1924. Nasceu em Aldeia de João Pires em 3 de Abril de 1892 e faleceu em 13 de Agosto de 1946.



TENENTE ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO

Foi um grande amigo da “UNIÃO”, tendo contribuído em quantia avultada para a construção da Sede e do Coreto público do Largo do Espírito Santo. Veio a ser Presidente da Direcção Administrativa em 1936. Nasceu em Aldeia de João Pires em 19 de Março de 1885 e faleceu em 28 de Novembro de 1959.

A década de 60 decorreu com estabilidade e profíqua acção cultural e assistencial. Referente a 1966 (1 de Novembro), junta-se uma fotografia da Banda e seus dirigentes.



Fotografia de 1966



1 - José Candeias | Presidente
 2 - Padre António Pinto da Silva
 Presidente da Assembleia
 3 - Lázaro Pires | Caixa
 4 - José Delgado | Contrabaixo
 5 - Joaquim Rei | Sax. Trompa
 6 - Fausto Almeida | Trombone
 7 - António Fidalgo | Saxofone Alto

08 - Carlos Rei | Trompete
 09 - Manuel Serrano | Barítono
 10 - Manuel Fidalgo | Soprano
 11 - Jaime Leitão | Clarinete
 12 - José Joaquim Ribeiro | Trompa
 13 - Joaquim Lopes | Clarinete
 14 - António Laranja | Trompete

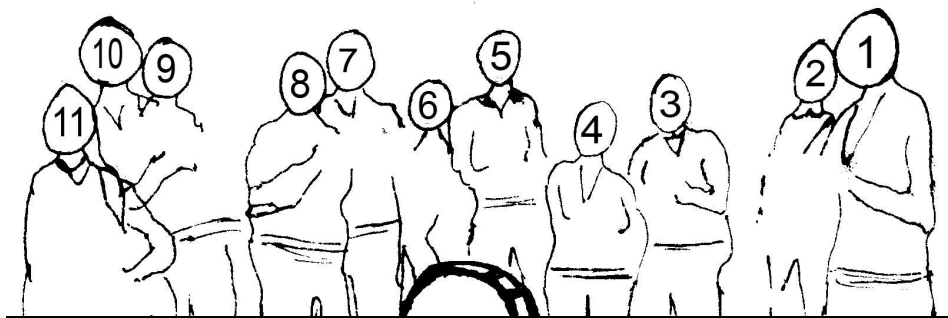
15 - António Vieira | Sax. Trompa
 16 - José Lopes | Clarinete
 17 - José Moiteiro | Bombo
 18 - Manuel Bernardino | Pratos
 19 - Jaime Rei | Mestre
 20 - António Mendes | Director
 21 - António Clemente | Secretário

No início da década de 1970 a Banda passou por um período de certa estagnação. Com o 25 de Abril, uma lufada de ar fresco contagiou os elementos da Banda que, embora de uma forma algo desorganizada se juntaram à euforia popular.

Junta-se fotografia tirada em Aldeia do Bispo, logo a seguir ao 25 de Abril, altura em que a Banda esteve praticamente inactiva. Quando chegavam as festas, juntavam-se alguns músicos para fazer as festas mais próximas.



Fotografia tirada em 1974



1 Manuel Lopes | Saxofone Alto
2 António Matos | Mestre
3 Manuel Serrano | Barítono
4 Joaquim da Cruz | Pratos

5 António Carreto | Caixa
6 António Lopes | Bombo
7 Joaquim Fidalgo | Cornetim
8 Leonel | Cornetim

09 António Fidalgo | Saxofone Soprano
10 António Vieira | Trombone
11 José Delgado | Contrabaixo

A partir de 1977, fruto da abertura social, a Banda passou a ser mista, integrando jovens moças que cedo revelaram boas aptidões musicais.



Maria de Jesus Vaz, à esquerda e Belarmina Vicente, à direita, as duas primeiras meninas que integraram a Banda.
Fotografia de 1977

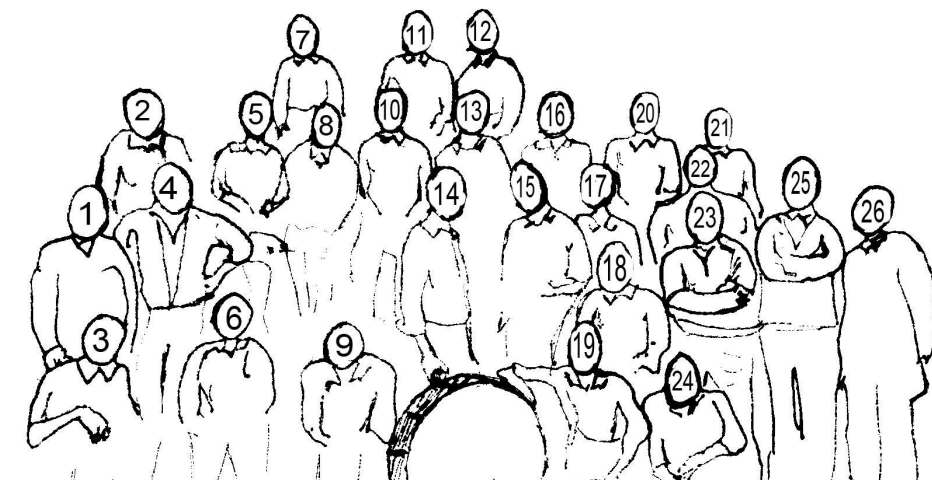
Até aos anos oitenta, tendo como elemento chave o Mestre, maestro e compositor Jaime Antunes Rei e estabilidade na Direcção presidida pelo Professor José Candeias Moreira, figura muito prestigiada; a “UNIÃO” e a sua Banda filarmónica, ganharam crescente afirmação e prestígio regional e nacional.

Em 1982, a Banda Juvenil participou no Sarau Cultural, por ocasião da visita ao nosso concelho do Sr. Presidente da República, conforme o diploma seguinte.





Fotografia da Banda e seus dirigentes tirada em 1 de Novembro de 1980



1 - Isabel leitão
 2 - Henrique Moiteiro | Caixa
 3 - Jorge Lúcio | Trompa Harmónio
 4 - Manuel Lopes | Saxofone alto
 5 - Cristina Lourenço | Sax trompa
 6 - José Fidalgo | pratos
 7 - Teresa da Silva | Saxofone alto
 8 - Dulce Vicente | Clarinete
 9 - João Ramos Vaz | Contrabaixo

10 - Luís Mandes | Sax. Soprano
 11 - Luís Bento | Caixa
 12 - Belarmina Vicente | Sax. Alto
 13 - Fernando Moiteiro | Trompete
 14 - António Landeiro | Bombo
 15 - Paula Lourenço | Cornetim
 16 - Maria de Jesus Vaz | Clarinete
 17 - Maria de Jesus | Cornetim
 18 - Manuel Serrano | Barítono

19 - Paulo Ambrosio | Barítono
 20 - Ema da Silva | Sax. trompa
 21 - António Landeiro | Barítono
 22 - Adelino Lopes Nogueira
 (sobrinho do Sr. Padre José M. L. Nogueira)
 23 - Vítor Leitão de Almeida
 24 - António Júlio | Trompete
 25 - Jaime Rei | Mestre
 26 - Prof. José Candeias | Presidente

1.5 As Bodas de Diamante



Em 1983, comemorou-se o 75º Aniversário da Banda, em articulação com a festa de Nª Senhora da Graça, com grande notoriedade e impacto social e cultural.

Mais uma vez a Direcção procura sensibilizar e recolher apoio junto dos conterrâneos pelo envio em Julho de 1983 de mais uma CIRCULAR que aqui se transcreve.



Estimado Conterrâneo e Amigo:

Os nossos melhores cumprimentos.

Cientes da Vossa melhor compreensão, vimos junto de Vós anunciar a nossa e vossa Festa de Aldeia nos dias 9, 10 e 11 de Setembro que este ano terá maior brilho pois trata-se de comemorar o 75º. aniversário da NOSSA QUERIDA BANDA.

Será uma data que nunca mais esqueceremos. Ainda recordamos com viva saudade as célebres festas dos seus 50 anos!...

Queremos afirmar que muitos filhos da Nossa Terra devem o seu bem estar à Filarmónica e por isso ela deverá merecer de nós toda a estima e dedicação.

Entre as várias iniciativas pensamos fazer uma QUERMESSE que será o fundo básico de que dispomos para as necessárias despesas a efectuar, não só com as festas mas também para apetrechar a nossa Filarmónica com melhores instrumentos.

Agradecia, portanto, a Vossa colaboração não só em ofertas para a dita QUERMESSE, mas também em dinheiro pois as despesas são inúmeras.

Do programa das Festas, destacaremos:

- DESFILE DE BANDAS E CONCERTO
- ACTUAÇÃO DA FAMOSA ORQUESTRA TÍPICA ALBICASTRENSE
- ACTUAÇÃO DO CONJUNTO "ARTE E CULTURA" DE S. ROMÃO
- 1ª. FEIRA DE ARTESANATO DO CONCELHO DE PENAMACOR

Com os melhores cumprimentos. A Aldeia espera por Vós...

Aldeia de João Pires, 15 de Julho de 1983

A Direcção
João Bernardino Afonso

Nas Bodas de diamante participaram as autoridades locais, e concelhias, bem como toda a população e muitos visitantes.

Foi elaborado um ambicioso programa cultural e social, tendo-se criado um novo desenho para logótipo.



Na vertente musical participaram para além da Filarmónica anfitriã, a Banda de Olivais Sul, a Banda de Belmonte e a Banda de Pedrógão de S. Pedro. A Filarmónica aniversariante dividiu-se em duas; ou seja a Banda Juvenil com rapazes e raparigas e a Banda antiga composta com músicos

que se deslocaram dos seus locais de residência para participarem nesta grande comemoração. Nestas Bodas de diamante, realizou-se um grande e notável desfile e actuação de bandas, cada uma com o seu Estandarte pelas ruas, terminando no Largo Padre José Maria Lopes Nogueira (antigo Largo do Rato). Neste Largo, desaguou o imenso entusiasmo popular em colectiva vibração de auto-estima e saudável bairrismo. Para além do desfile e actuação das Bandas, da Feira de artesanato com rica mostra dos saberes tradicionais, houve fogo rijo, preso e do ar e terminando com foguetes de lágrimas que a todos surpreenderam e encantaram.

A grande disponibilidade e efectiva participação da Banda em festivais, foi sempre muito relevante, como se documenta pelo diploma que se publica



Da profunda vibração do sentimento de identificação de todos os naturais de Aldeia de João Pires com a sua Banda e participação associativa na sua “UNIÃO”, resultou o reforço do indelével património que foi tendo eco cada vez maior nos filhos da terra que viviam longe.

Assim, ao longo dos anos oitenta, os conterrâneos residentes em Lisboa criaram uma Associação de Amigos da Banda com a finalidade de realizarem



Fotografia de 1984



1 - Paulo Tomé | Caixa
 2 - José Fidalgo | Bombo
 3 - Luís Mendes | Sax. Tenor
 4 - Victor L. Almeida | Caixa
 5 - Manuel Lopes | Mestre
 6 - António Júlio | Trompete
 7 - Leonor Landeiro | Sax. Trompa
 8 - Armindo Pereira | Contrabaixo
 9 - José H. Costa | Sax. Soprano

10 - Paula Lourenço | Cornetim
 11 - Pedro Lopes | Saxofone Alto
 12 - Luís Serrano | Trombone
 13 - Paula Santana | Clarinete
 14 - Ana Simão | Saxofone Alto
 15 - António Costa | Trombone
 16 - Belarmina Vicente | Saxofone Alto
 17 - Maria de Jesus Vaz | Clarinete
 18 - Gustavo Henriques | Sax. Soprano

19 - Carlos Taborda | Trompete
 20 - Leonel Borges | Trompete
 21 - Fausto Almeida | Pratos
 22 - Rui Pereira | Clarinete
 23 - José Mendes | Porta-estandarte
 24 - Manuel Serrano | Barítono
 25 - António Vieira | Presidente

convívios solidários e obterem donativos para a compra e restauro dos instrumentos. De facto, realizaram-se no Parque do Monsanto piqueniques, em que se assistia à Missa Dominical, e ao concerto da Banda, seguindo-se um fraterno convívio em saudável celebração da nostalgia da sua terra. Na organização destes encontros entre conterrâneos, seus familiares e amigos, destacaram-se Adelino Esteves Leitão, João Manuel Serrano, António Ribeiro Leitão, José Tomé e José Bartolomeu. Articulava com este grupo, na preparação dos convívios o Sr. Victor Leitão de Almeida, depois de se ter reformado e voltado a residir na Aldeia.

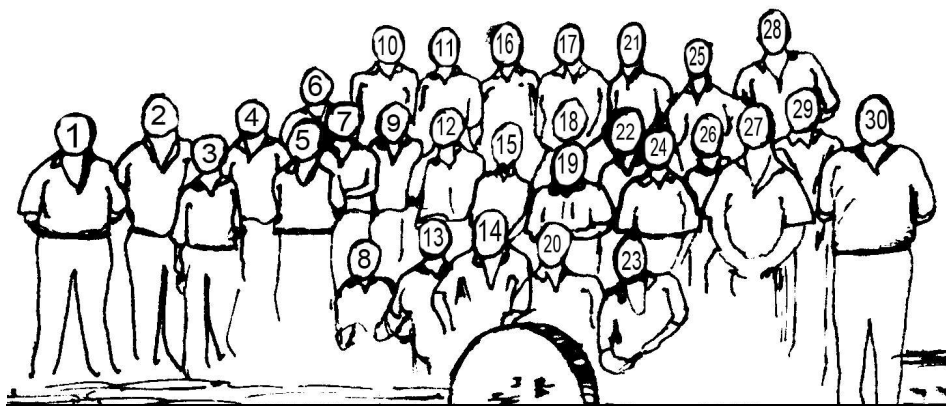


Fotografia dos anos 80, num dos convívios em Monsanto (Lisboa)

Quando se está longe da terra de origem, sente-se mais a íntima vibração da saudade da pequena, mas única e incomparável “pátria” dos genuínos afectos. Manifesta-se e alimenta-se, assim, a expressão de um indelével sentimento de pertença e de afectiva afiliação à terra comum. É que esta não foi apenas berço, mas, sobretudo, matriz e pauta de vibração que continua ao longo da vida, permitindo comungar da auto-estima colectiva do povo a que se pertence.



Fotografia de 1995



1 - José António | Bombo
 2 - José Fidalgo | Pratos
 3 - Rogério Martins | Caixa
 4 - Joaquim Fidalgo | Trompete
 5 - Ana Manteigas | Sax. Alto
 6 - Teresa Duarte | Clarinete
 7 - Pedro Lopes | Sax. Alto
 8 - Cláudia Marques | Clavicorne
 9 - Ana Cristina | Saxo Tenor
 10 - Tiago Baptista | Saxo Tenor

11 - Hélder Pires | Trompete
 12 - Cidália Manteigas | Clarinete
 13 - Sofia Vicente | Saxo Soprano
 14 - Luís Serrano | Caixa
 15 - Raquel Lopes | Trompete
 16 - André Baptista | Trompete
 17 - Bruno de Jesus | Sax. Alto
 18 - Sandra Rico | Clarinete
 19 - Rita Lopes | Clarinete
 20 - Florinda Vaz | Trompete

21 - Carla Vicente | Trompete
 22 - Marisa Marques | Clarinete
 23 - Franklim Mendes | Barítono
 24 - Lúcia manteigas | Clarinete
 25 - Anabela Gerales | Trompete
 26 - Lucília Mendes | Sax. Soprano
 27 - José Vieira | Sax. Alto
 28 - Fernando Vaz | C. Baixo
 29 - Filipe Marques | C. Baixo
 30 - Manuel Lopes | Mestre

1.6 Escola de Música



A Escola de Música é a base principal para a formação de um músico. Assim, é de grande importância existir no âmbito da Banda, o acolhimento e o ensinamento dos mais novos.

Um músico, antes de pegar num instrumento tem de conhecer as notas de música, nas linhas e nos espaços da pauta, terá de conhecer as figuras da música com os seus valores, assim como, as claves, as pausas e a sua equivalência em relação às mesmas figuras de música.

É indispensável, também, aprender a solfejar com vários andamentos nos compassos simples e compostos.

Só depois de saber solfejar é possível dedicar-se ao instrumento da sua eleição. Então, aprenderá as posições das notas correspondentes. Quando tiver já alguma prática, começará a tocar alguns trechos musicais mais simples até atingir o objectivo principal que é o de ser um bom músico, consciente da sua técnica e com capacidade de se integrar no colectivo que é a sua Banda.



1 - Carolina Ribeiro
2 - Viktoriya
3 - Nádia Leitão
4 - Ruslana

5 - Joana Fonseca
6 - Mariana Almeida
7 - sandra Fernandes

1.7 O Centenário



A celebração do Centenário constitui mais uma página de ouro e oportunidade de confirmação dos valores, propósitos e objectivos que sempre nortearam a UNIÃO DE ALDEIA DE JOÃO PIRES e a sua BANDA FILARMÓNICA.

No dia 1 de Junho, dia do Concelho de Penamacor, na sequência da recomendação da Assembleia Municipal e por decisão unânime da Câmara, foi entregue à "UNIÃO" a Medalha de Ouro de Mérito Municipal, que aqui se reproduz



No contexto da comemoração do Centenário da Banda Filarmónica, o Sr. Presidente da Junta de Freguesia e a Direcção da "UNIÃO" na pessoa do seu Presidente elaboraram saudações especiais, que aqui se transcrevem.

Saudação do Sr. Presidente da Junta de Freguesia

SALVÉ o dia 1 de Novembro de 2008, data do Centenário da Banda Filarmónica da “União de Aldeia de João Pires”

Nesta data, a Junta de Freguesia evoca todos aqueles que fundaram a Sociedade União Recreativa de Aldeia de João Pires e também todos os que tornaram possível prolongar a vida desta Sociedade de Homens e Mulheres, até aos nossos dias.

De todos ELES a Junta de Freguesia evoca as suas memórias e deseja celebrar em espírito com ELES, os bonitos cem-100 anos.

Queremos também saudar os que hoje alegam as nossas romarias e festividades com a sua exibição musical, transmitindo alegria ao povo das nossas freguesias.

Porque, grande parte das figuras que compõem a Filarmónica são jovens, saudamo-los também, estimulando-os a que continuem a amar a música, fazendo da leitura das pautas, a conduta na sua vida de cidadãos, porque a música molda o carácter das pessoas que a executam.

A TODO O POVO de Aldeia de João Pires, presentes e ausentes pela lei da vida, a Junta de Freguesia saúda-los vivamente disponibilizando-se para apoiar todas as celebrações centenárias, desejando boa e longa vida à Sociedade que a suporta.

A todos cumprimentamos com cordialidade.

Aldeia de João Pires, 02 de Junho de 2008

O Presidente da Junta de Freguesia

Arnaldo Afonso Almeida Antunes

Saudação do Sr. Presidente da Direcção



Quando no ano de 1908, o Sr. Padre José Maria Lopes Nogueira tomou a Feliz iniciativa de fundar a Banda Filarmónica de Aldeia de João Pires, nunca imaginaria o quanto seria elevado o numero de músicos que iriam sair das suas fileiras ao longo destes 100 anos para ocuparem lugares de destaque nas mais variadas Bandas e Fanfarras nacionais, e de que o nome de Aldeia de João Pires seria conhecido em todo o País e ainda em Espanha e França graças aos acordes musicais da sua Banda Filarmónica.

A Banda Filarmónica era composta apenas por músicos naturais de Aldeia de João Pires, mas nos últimos anos devido à desertificação que tem assolado o interior do País, houve a necessidade de “recrutar” elementos nas freguesias vizinhas, sendo actualmente composta por músicos oriundos de Aldeia de João Pires, Aldeia do Bispo, Penamacor, Águas, Pedrógão de São Pedro e Salvador no Concelho de Penamacor e ainda Medelim no Concelho de Idanha-a-Nova.

Comemorar 100 anos de existência é algo de muito importante, principalmente para uma colectividade de uma aldeia no interior do País, tendo-se esta Direcção empenhado em comemorar dignamente o Centenário, levando a efeito no dia 7 de Setembro de 2008 um encontro de bandas, que foi um verdadeiro sucesso, a criação de um Site na Internet e, em colaboração com o Dr. Lopes Marcelo e a Câmara Municipal de Penamacor, a edição deste livro, que tenta retratar um pouco do que foi a história da Banda nestes 100 anos de existência. Estas comemorações servem para mostrar a todos que estamos bem vivos, e para homenagear todos os que tornaram possível atingir a bonita idade de 100 anos. Não querendo citar nomes, com medo de que algum por lapso possa ser esquecido aqui deixamos a nossa homenagem e agradecimento a todos os Dirigentes, Músicos, Maestros e Benfeitores que ao longo destes 100 anos passaram pela Banda Filarmónica de Aldeia de João Pires.

A todos o nosso grande bem haja

O Presidente da Direcção

José Luís Caria Santo

Coincidindo com a festa em honra de N^a Senhora da Graça, no passado dia 7 de Setembro de 2008 realizou-se o grande desfile e concerto de Bandas. Foram convidadas e estiveram presentes a Banda Juvenil do Concelho de Gavião, a Banda Filarmónica de Idanha-a-Nova, a Banda Filarmónica do Fratel e a Banda da Sociedade Amizade Visconde de Alcácer.



Em ambiente festivo, rodeadas pelo entusiasmo da população, as Bandas convidadas e a Banda anfitriã, integrando os elementos da sua Escola de Música, concentraram-se no Largo Pe. José Maria Lopes Nogueira, onde, sob a orientação do Mestre Manuel Lopes, agrupadas em naipes, interpretaram a popular Marcha da Aldeia, arranjo da autoria do saudoso Mestre Jaime Antunes Rei. O grande desfile de cerca de duas centenas de músicos e muitas centenas de pessoas vibrando de emoção, encheu completamente a rua até ao recinto da festa. Foi um extraordinário rio de pessoas cheias de entusiasmo e alegria pela participação num acontecimento tão significativo.





As cinco Bandas no grande concerto do Centenário

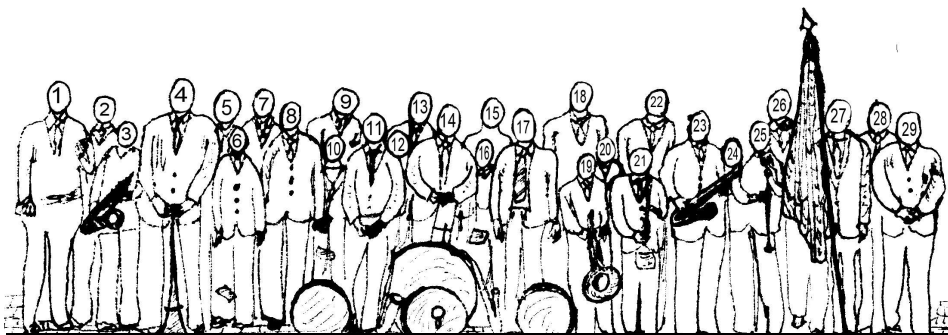
A comemoração do centenário da sua Banda Filarmónica, representa para todos os filhos de Aldeia de João Pires a reafirmação do sentimento de pertença, na saudável e solidária vibração da nostalgia com as raízes da sua comunidade de origem. Para as novas gerações que vivem nas cidades e, sobretudo, no estrangeiro, é cada vez mais significativa a redescoberta da terra de seus pais e avós. Trata-se do direito à memória e afectos à volta das raízes, do património etnográfico, usos e costumes, monumentos e produtos típicos da sua terra. Assim se reforçam os laços e sentimentos de pertença que conjugam todos os naturais de Aldeia de Aldeia de João Pires, independentemente dos locais onde residam.

Cada comunidade tem as suas bandeiras, destacando-se as colectividades, erguidas e sustentadas pelo esforço generoso de sucessivas gerações. Representam, assim, o património colectivo pelo já realizado, bem como uma reserva essencial de capacidade de acção e iniciativa. Em Aldeia de João Pires, duas das suas principais bandeiras são a sua Banda Filarmónica agora centenária, e a sua “UNIÃO” que completou em Janeiro do corrente ano o seu octogésimo quarto aniversário. Longa e fecunda vida, com o apoio de todos!

Aldeia de João Pires, não tem apenas a dimensão social e cultural correspondente às poucas centenas de pessoas, seus residentes habituais. À volta das suas bandeiras e do seu património, continuará a manifestar-se a vontade dos seus filhos para garantirem um futuro de progresso, com autenticidade, honrando a sua história e dignificando a sua alma colectiva.



Em ano de centenário, não podíamos deixar de publicar a fotografia do conjunto dos elementos da Banda e seus dirigentes.



1 - Sofia Vicente | Sax. soprano
 2 - Ana Dias | Caixa
 3 - Filipa Cardoso | Saxofone Alto
 4 - Armindo Pereira | Contrabaixo
 5 - Ângelo Dias | Barítono
 6 - Daniela Matos | Trompete
 7 - Paulo Duarte | Caixa
 8 - Patrícia Sílvia | Clarinete
 9 - Ruben dos Reis | Contrabaixo
 10 - Irina Garrido | Clarinete

11 - Pedro Lourenço | Sax. Alto
 12 - Tânia Dias | Trompete
 13 - André Silva | Saxofone Tenor
 14 - Tiago Teixeira | Trombone
 15 - Fábio Costa | Trompete
 16 - Mariana Vaz | Clarinete
 17 - Ângelo Amaral | Barítono
 18 - Pedro Lopes | Saxofone Alto
 19 - Laura Martins | Clavicorne
 20 - Rafael Bicho | Clarinete

21 - Sofia Remédios | Sax. Soprano
 22 - Ricardo Bernardino | Director
 23 - Marisa Ribeiro | Saxofone Alto
 24 - Daniela Leitão | Clarinete
 25 - Tifany Martins | Clarinete
 26 - Luís Serrano | Pratos
 27 - Raúl Lopes | Pres. Ass. Geral
 28 - Manuel Lopes | Mestre
 29 - José Luís Caria | Pres. Direcção
 (falta) - António Aleixo | Bombo)

2. MESTRES DA BANDA FILARMÓNICA



2.1 De 1906 a 1923



Pe. José Maria Lopes Nogueira

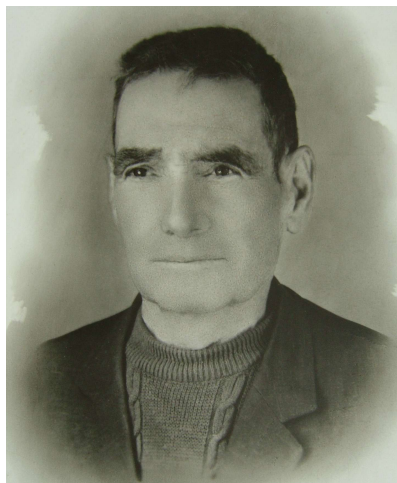
Na fase inicial de 1906 a 1912, foi o Sr. Padre José Maria Lopes Nogueira o grande responsável como fundador, professor e Mestre. A sua paixão pela música e a sua personalidade dinâmica e empreendedora, foram determinantes para a criação e a consolidação da Banda.

As suas qualidades pedagógicas e a sua total disponibilidade e empenhamento foram decisivos para o iniciar de uma cultura musical, de um saber fazer e executar que contagiou os jovens e menos jovens aprendizes e os ganhou para a Banda e por toda a vida. Formaram-se tão excelentes músicos e

executantes, que vários elementos da própria Banda, depois de um certo período como Contramestres assumiram com êxito a função de Mestre. Foi assim, que ao longo da sua existência, a quase totalidade dos Mestres saíram da formação obtida na própria Banda. Também é verdade que as possibilidades financeiras para contratar Mestre que viesse de fora eram muito limitadas. A não existência de alojamento, também é referida como dificuldade para a atracção e fixação de um Mestre. Nestes primeiros anos foram Contramestres, assumindo a regência provisória da Banda os músicos Ricardo Rei, Joaquim Amarelo e António Pires Leitão.

De 1912 a 1923, foi Mestre o Sr. Magalhães e também o músico da Banda António Pires Leitão (S'Tonho) que fora Contramestre do Sr. Padre José Maria.

2.2 De 1923 a 1963



António Matos

A partir de 1926, o Sr. Padre José Maria dedicou-se exclusivamente ao serviço religioso, tendo reassumido a regência da Banda o Mestre Sr. António Pires Leitão. Era uma nova fase que se iniciara com a Banda integrada na recém criada “UNIÃO DE ALDEIA DE JOÃO PIRES”, a partir do Carnaval de 1923.

De 1923 a 1930, para além do Sr. António Pires Leitão também o músico da Banda Sr. Filipe da Mendonça Escoto assumiu a regência em Abril de 1928.

De 1930 a 1932, veio de fora o Mestre Sr. Severo Ferreira muito estimado como bom profissional mas algo perturbado por abusar da bebida.

A partir de 1932 desempenhou um papel muito relevante o jovem músico Jaime Antunes Rei. De facto, embora limitado por não residir na Aldeia já que estava na Carreira militar, prestou sempre grande colaboração e apoio, assumindo-se como elemento determinante para a continuidade e para o enriquecimento do repertório original da Banda.

De 1932 a 1934, o Sr. António Manuel Pinto veio reger a Banda por intermédio de Jaime Antunes Rei.

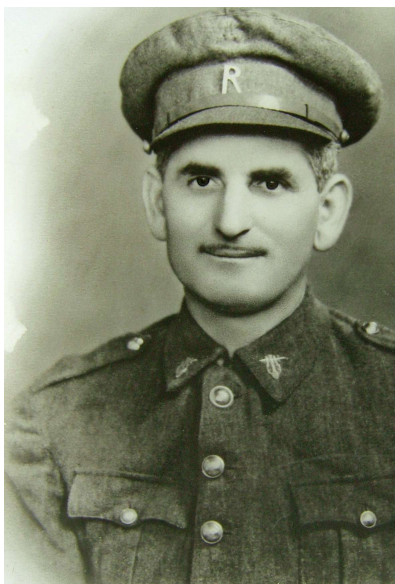
De 1934 a 1960, foi Mestre o Sr. António Matos, que entre ser Contramestre e Mestre, dedicou cinquenta anos à Banda.

De 1960 a 1963, veio de fora o Mestre Sr. Carlos Osório.

2.3 O Consulado musical de Jaime Antunes Rei

Em 1963, o Mestre Jaime Antunes Rei, reuniu condições para regressar à sua terra natal e assumiu por inteiro e de uma forma extraordinária a sua grande paixão; dedicar-se à sua terra e à sua querida Banda.

Dado o relevantíssimo papel desempenhado ao longo de toda a vida, justifica-se plenamente referenciar os dados biográficos de tão dedicado e excelente músico, pedagogo, maestro, compositor e autor de letras e músicas memoráveis.



Jaime Antunes Rei

JAIME ANTUNES REI

Nasceu em Aldeia de João Pires a 23 de Março de 1908, filho de Ricardo Antunes Rei e Adelaide Mendes Cunha.

Desde muito cedo teve inclinação para a música, tendo sido criado já no ambiente da Banda, uma vez que seu pai, um dos maiores apoiantes do Padre José Maria, foi músico e Contramestre da Banda.

A vocação e paixão de toda a sua vida foi a música. Logo a seguir à 4ª Classe, já com conhecimentos de solfejo entrou para a Banda como aprendiz da clave de fá e como executante de 2º trombone. Revelou-se tão extraordinário músico que pouco tempo depois lhe é confiado o 1º barítono pelo Mestre Filipe Escoto –

instrumento que viria a ser o da sua carreira militar.

Aos dezassete anos obteve boa classificação no exame teórico e prático para aprendiz da Banda Militar do Regimento de Infantaria nº 21 da Covilhã. Aos vinte e dois anos, no posto de Furriel músico, concorreu ao posto de 2º Sargento, obtendo promoção com colocação no Regimento de Infantaria nº 1 em Lisboa. Daqui transitou para a Banda de Caçadores nº 6 em Castelo Branco, por permuta com um camarada, tendo em vista apoiar a Banda da sua terra. De facto, raro era o fim de semana em que, de camioneta ou montado na sua bicicleta, não viesse à Aldeia para os ensaios e preparar novos músicos. Até 1935, enquanto permaneceu em Castelo Branco como músico militar, foi um dedicado colaborador da jovem Sociedade “A UNIÃO”, dirigindo os ensaios da Banda. Tinha plena consciência de que tal Sociedade era um meio de cultura para todo o povo e que o seu eventual desaparecimento se tornaria uma perda irreparável, por isso ele lutou sempre energicamente para que tal não acontecesse.

Com a sua posterior colocação na Banda do Regimento de Infantaria nº 17 em Beja, não podendo dar tanto apoio presencial à sua terra, deixou a sua marca inconfundível em terras alentejanas, tendo assumido a regência da Filarmónica de Brigel e criado nessa localidade um Rancho Folclórico.

Nessa altura, mesmo longe da sua terra, é-lhe solicitada colaboração

pela Direcção da “UNIÃO”, tendo sempre correspondido com a criação de novo reportório que vinha ensaiar na preparação das festas de Verão.

Mais tarde, foi colocado em Évora, como 1º Sargento barítono da Banda do Regimento de Infantaria nº 16, de onde chegou a vir à Aldeia montado na sua bicicleta em heróica dedicação. Enfrentava a dureza das dificuldades daqueles tempos sem qualquer recompensa, tal era o carinho e o fervoroso amor que devotava à sua Banda Filarmónica e à sua terra natal.

Em 1956, decidiu passar à situação de reserva, sentindo-se injustiçado pois que embora tendo conhecimentos e habilitações, o afastaram do concurso a subchefe das Bandas Regimentais invocando a deficiência do dedo indicador da sua mão esquerda. Nessa altura fixou-se em Mação e assumiu a regência da Filarmónica local e criou o Rancho Folclórico de Mação. Pouco depois fixou-se em Alegrete, onde regeu durante três anos a Filarmónica local e deu expressão criadora a arranjos musicais inspirados nos cantares alentejanos tradicionais. Nesta altura, regeu também a Banda da Legião de Portalegre e, através da Filarmónica de Alegrete, fundou a “Orquestra Lusitana” com sete elementos.

Durante todos estes anos, vinha frequentes vezes a Aldeia de João Pires ensaiar as suas criações musicais e apoiar a sua querida Banda Filarmónica.

Em 1958, pela comemoração do Cinquentenário da fundação da sua Banda Filarmónica, envolveu-se de corpo e alma assegurando enorme brilhantismo às Festas.

Criou o Rancho Folclórico de Aldeia de João Pires que, também muito contribuiu para dignificar as comemorações dos cinquenta anos.

A partir de 1963, fixa-se na sua terra natal e tem logo a visão de que é essencial criar novos músicos. Criou então a Banda juvenil, onde meninos e meninas encontram uma extraordinária formação musical e preparação para a vida.

Além de reger e de se dedicar em primeiro plano à sua Banda Filarmónica, também regeu as Filarmónicas de Pedrógão de São Pedro e de Idanha-a-Nova.

Não sendo possível referenciar todas as suas criações é de elementar justiça referir algumas das mais destacadas músicas e arranjos de sua autoria: a Zarzuela; a Lenda do Beijo; Assombro del Damasco; La Montaria; Alvorada de Infantaria; Marcha Fúnebre; Dor de Mãe; A Senhora d’Aires; A Senhora dos Aflitos; Senhora da Saúde; As Quatro Virgens; Viva Ricardo Rei; O Pirata; A Caturra; Anos de Saudade; Ceifeiras Alentejanas; Toadas da Beira Baixa; Cantigas da Beira Baixa; Eco da Beira Baixa e Onze de Novembro, entre muitas outras.

2.4 De 1983 à actualidade. O actual Mestre



Manuel Matos Lopes

A partir de 1983 assumiu a regência o músico formado na Banda Sr. Manuel Matos Lopes. Atendendo a que está ligado há mais de quarenta anos à Banda, com total empenho e entrega, justifica-se referenciar os seus dados biográficos.

MANUEL MATOS LOPES, nasceu a 13 de Julho de 1955 em Aldeia de João Pires, filho de José Lopes e Júlia Lopes Matos.

Em 1965, iniciou a aprendizagem musical na Escola da Banda. Em 1967, ingressou nas fileiras da Banda como músico tocando saxofone alto, tendo mais tarde passado a tocar clarinete.

Em 1968, passou a Contramestre, função que desempenhou até assumir a regência em 1983.

Em 1975, ingressou na Banda Militar da Escola Prática de Infantaria de Mafra, na qual adquiriu vastos conhecimentos musicais que o habilitaram a assumir a regência de Bandas Filarmónicas.

Em 1981, abriu em Pedrógão de São Pedro uma escola de música que, posteriormente deu lugar à formação de uma banda á frente da qual se manteve até 1983.

Em 11-11-1983, já na disponibilidade e residente em Aldeia de João Pires, foi-lhe entregue a regência da Banda Filarmónica da sua terra, bem como da respectiva escola de música.

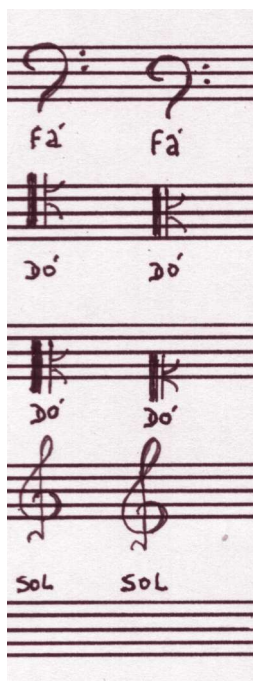
Em 1984, frequentou um curso de regentes de Banda Filarmónicas, promovido pelo INATEL.

Em 1993, formou uma Fanfarra nos Bombeiros Voluntários de Penamacor, à frente da qual se manteve até 1995.

Ao longo das ultimas décadas, vem contribuindo de forma empenhada para a continuidade da Banda.

O seu profissionalismo e dedicação contribui decisivamente para que se mantenha viva e actuante a Instituição Cultural de que Aldeia de João Pires mais se orgulha.

3. INSTRUMENTOS EM CONCERTO



Uma Banda, como agrupamento musical de maior ou menor dimensão, é do conhecimento geral. Uma Banda Filarmónica (Banda que marcha em filas harmónicas) é um agrupamento com características específicas quanto aos instrumentos, quanto ao repertório e aos executantes.

Tendo em vista um melhor entendimento sobre as componentes da Banda Filarmónica de aldeia de João Pires, apresentam-se os seguintes elementos

Letra e pauta da Marcha da Aldeia de João Pires, da autoria do saudoso Mestre e compositor Jaime Antunes Rei (música adaptada de uma conhecida marcha de Lisboa);

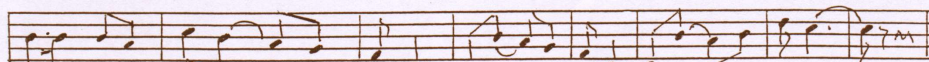
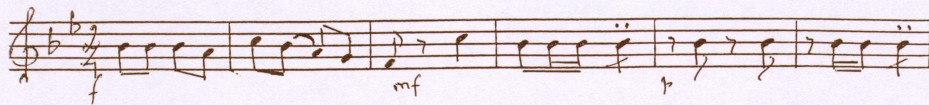
Fotografias dos instrumentos musicais, com algumas notas sobre as suas características e origens;

Fotografias dos executantes que, em conjunto ou rotativamente, se expressam musicalmente através do mesmo instrumento;

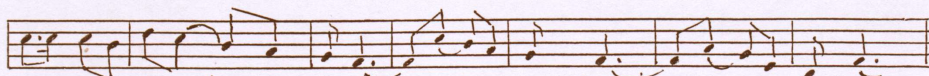
Pautas musicais associadas a cada instrumento segundo a sua função na Marcha, revelando-se as associações e correspondências melódicas parcelares que se harmonizam no todo que constitui a execução musical;

Concentremo-nos, então, na melodia bem popular, vibrando ao seu ritmo e trauteando a letra simples e atraente. Bom concerto!

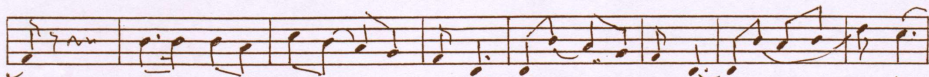
Mareia de Aldeia de João Pires



Já chegou a festa e' festa e' festa; E os cum anos lá vão lá vão —.



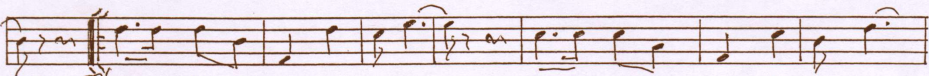
E toda quite gosta mais desta Gritem que e' festa pro' aldeão —



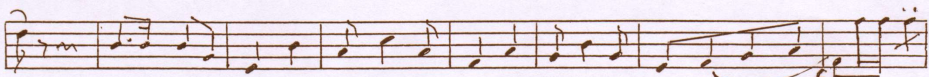
Já se vêm lindas raparigas Di saias garridas blusas de chita —



E a musica lá vai tocando; Ao ir passando o povo grita



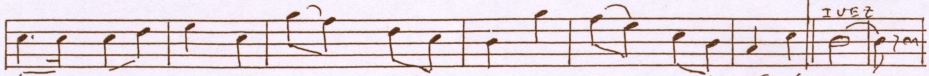
Vem daí ôh meu amor —; Vem comigo a dançar —



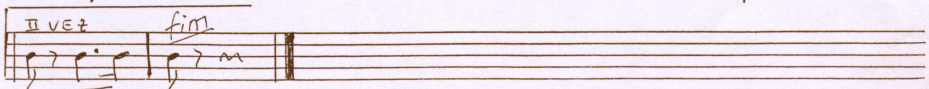
Estas modinhas d'aldeia que dão ideia duma dança sem par.



Aldeia de João Pires —; Na Beira não tens rival —.



É a primeira nas Beiras gritam as solteiras neste festival.



3.1 Flauta

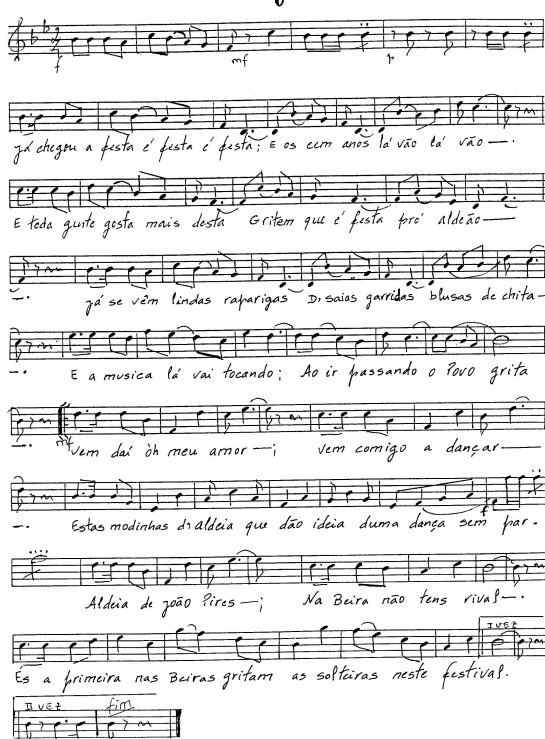


Carolina Robalo

A flauta é um dos instrumentos mais antigos que se conhece, tendo sido sempre muito utilizado ou pela sua facilidade de construção, ou pelo som melodioso, de timbre doce e suave que produz.

A flauta transversal é um aerofone da família das madeiras, não palhetado, possuindo um orifício por onde o instrumentista sopra perpendicularmente ao sentido do instrumento, ao mesmo tempo em que tapa e/ou destapa os orifícios com os dedos. Como a conhecemos hoje, data de 1871, a partir de um aperfeiçoamento feito pelo flautista e pesquisador de instrumentos Theobald Boehm.

Mareha de Aldeia de João Pires flauta do



já chegou a festa e festa e festa; E os com anos lá vão lá vão —.

E toda gente gosta mais desta Gritem que e festa fora aldeão —

— já se vêm lindas raparigas Di saias garridas blusas de chita —

— E a musica lá vai tocando; Ao ir passando o povo grita

— Vem daí ôh meu amor —; Vem comigo a dançar —

— Estas modinhas d'aldeia que dão ideia duma dança sem par.

Aldeia de João Pires —; Na Beira não tens rivais —.

É a primeira nas Beiras gritam as solteiras neste festival.

II Vez fim

3.2 Clarinete



Tífany Martins



Daniela Leitão



Patrícia Silva



Mariana Vaz



Irina Garrido



Nádia Leitão



Rafael Bicho

O clarinete é um descendente da charamela, instrumento bastante popular na Europa pelo menos desde a Idade Média. Em 1690 Johann Christoph Denner, charamelista alemão, acrescentou à sua charamela uma chave para o polegar da mão esquerda, o que lhe trouxe mais possibilidades sonoras. Surgiu assim o clarinete contemporâneo.

O clarinete é um instrumento musical de sopro constituído por um tubo cilíndrico de madeira, com uma boquilha cónica de uma única palheta. Possui quatro registos: grave, médio, agudo e superagudo. É um instrumento muito versátil, utilizado em vários estilos musicais.

Marcha de Aldeia de João Pires Clarinete ^{sib}

já cheguei a festa e festa e festa; E os cem anos lá vão lá vão —

E toda gente gosta mais desta; Gritem que e festa por Aldeia —

já se vêm lindas raparigas; Di saias garridas blusas de chita —

E a musica lá vai tocando; Ao ir passando o povo grita —

Vem daí o meu amor — vem comigo a dançar —

Estas modinhas d'aldeia que dão ideia duma dança sem par.

Aldeia de João Pires — Na Beira não tens rival —

Es a primeira nas Beiras gritam as solteiras neste festival.

3.3 Saxofone Soprano



Sofia Vicente



Ana Remédios



Sofia Remédios

O saxofone, também conhecido simplesmente como sax, é um instrumento de sopro inventado em 1846 pelo belga Adolphe Sax, um respeitado fabricante de instrumentos, que viveu na França no século XIX.

Embora seja feito de metal, o saxofone pertence à família das madeiras, pois o seu som é emitido a partir da vibração de uma palheta de madeira que fica fixada à boquilha.

O saxofone soprano é um dos tamanhos do saxofone, o segundo da lista dos agudos para os graves. Possui duas oitavas e meia.

Marcha de Aldeia de João Pires saxofone soprano

já chegou a festa c' festa c' festa; e os cem anos lá vão lá vão —
 E toda gente gosta mais desta; Gritam que c' festa fore' aldeão —
 — já se vêm lindas raparigas; Di saias garridas blusas de chita
 — E a musica lá vai tocando; Ao ir passando o povo grita
 — Vem daí òh meu amor — vem comigo a dançar
 — Estas modinhas d'aldeia que dão ideia duma dança sem par.
 Aldeia de João Pires — Na Beira não tens rivais —
 És a primeira nas Beiras gritam as solteiras neste festival —
2.ª vez *3.ª vez*

3.4 Saxofone Alto



Filipa Cardoso



Pedro Lourenço



Marisa Ribeiro



Bruno de Jesus



Pedro Lopes

O saxofone alto, sax alto ou ainda sax contralto, faz parte da família dos saxofones.

O sax alto é fabricado em Mi bemol e ganhou destaque com os músicos americanos, os chamados jazzistas, mas a sua ascensão veio com o grande saxofonista Charlie Parker. Por conseguir mesclar um som brando e suave e ao mesmo tempo forte e viril, o sax alto faz hoje grande sucesso na música popular.

Marcha de Aldeia de João Pires Saxofone Alto

f *mf* *f*

já chegou a festa e festa e festa; e os cum anos lá vão lá vão —.

E toda gente gosta mais desta; gritem que é festa pro' aldeão —.

f *mf* *f* *acc* *stacc*

já se vêm lindas raparigas; dissaes garotas blusas de chita —.

E a musica lá vai tocando; Ao ir passando o povo grita —.

mf *f* *acc* *stacc*

Vem daí oh meu amor —; vem comigo a dançar —.

f *mf* *f* *acc* *stacc*

Estas modinhas d'aldeia que dão ideia duma dança sem par.

f *mf* *f* *acc* *stacc*

Aldeia de João Pires —; Na Beira não tens rivais —.

f *mf* *f* *acc* *stacc* *2º vez* *1º vez*

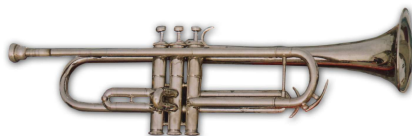
Es a primeira nas Beiras gritam as solteiras neste festival.

2º vez *1º vez* *f* *mf*

3.5 Trompete



Fábio Costa



Tânia Dias



Daniela Matos



Andreina Peres



Joana Fonseca

O trompete é instrumento musical de sopro, um aerofone da família dos metais, caracterizada por instrumentos de bocal, geralmente fabricados de metal. É um instrumento de origem muito antiga, usado ao longo dos tempos sobretudo para fins marciais.

A distância percorrida pelo ar dentro do instrumento é controlada com o uso de pistões. Além do pistão, as notas são controladas pela pressão dos lábios do trompetista e pela velocidade com que o ar é soprado no instrumento.

Hoje o trompete é utilizado em diversos géneros musicais (música clássica, jazz, ou estilos mais acelerados, como o ska e latinos).

Marecha de Aldeia de João Pires Trompete

já chegou a festa e festa e festa; e os cem anos lá vão lá vão
 E toda gente gosta mais desta; Gritem que é festa pro' Aldeão -
 já se vêm lindas raparigas; Di saias garridas blusas de chita.
 E a musica lá vai tocando; Ao ir passando o povo grita.
 vem daí oh meu amor; vem comigo a dançar.
 Estas modinhas d'aldeia que dão ideia duma dança sem par
 Aldeia de João Pires; Na Beira não tens rival -
 És a primeira nas Beiras gritam as solteiras neste festival.
 fim

3.6 Saxofone Tenor



André Silva



Ana Dias

O saxofone tenor possui um registo médio, entre o Lá bemol 1 e o Mi 4 e está afinado em Si bemol (duas oitavas e meia).

O saxofone tenor é um instrumento com grande potencial expressivo, como tal é utilizado por Bandas de Jazz, Bandas Filarmónicas, Bandas de Rock, Blues e Bandas Pop.

Marcha de Aldeia de João Pires Saxofone Tenor ^{silb}

já chegou a festa e festa e festa; E os cum anos lá vão lá vão.

E toda gente gosta mais desta; Gritem que e festa pro Aldeão.

já se vêm lindas raparigas; Di saias garridas blusas de chita

E a musica lá vai tocando; Ao ir passando o povo grita.

Vem daí ô meu amor; vem comigo a dançar.

Estas modinhas d'aldeia que dão ideia duma dança sem par

Aldeia de João Pires; Na Beira não tens rivais.

É a primeira nas Beiras gritam as solteiras neste festival.

2.ª vez fim

3.7 Bombardino



Angelo Pires



Franklim Mendes



Angelo Amaral

Também conhecido por barítono, é um instrumento musical pertencente à família das saxotrompas. Tal como toda a família das saxotrompas, o bombardino tem como base a trompa de postilhão, à qual foi adicionada um sistema de pistões.

Entre 1842 e 1845 Adolphe Sax produz a família das saxtrompas.

Em 1859 e posteriormente em 1870 o professor Phasey melhorou o bombardino alargando o tubo. É a partir daí que o bombardino assume a sua estrutura actual.

Marcha de Aldeia de João Pires Baritone Solo

Já chegou a festa e festa é festa; e os cem anos lá vão lá vão.
 E toda gente gosta mais desta; Gritem que é festa pro' aldeão.
 Já se vêm lindas raparigas; Dancas garridas blusas de chita
 E a musica lá vai tocando; Ao ir passando o povo grita.
 Vem daí ôh meu amor; vem comigo a dançar.
 Estas modinhas d'aldeia que dão ideia duma dança sem par
 Aldeia de João Pires; Na Beira não tens rivais.
 És a primeira nas Beiras gritam as solteiras neste festival.
 A Vez fim

3.8 Clavicorne



Laura Martins

É um instrumento de sopro da família dos metais. Consiste num tubo metálico, ligeiramente cónico, com um bocal numa das extremidades e uma campânula na outra, enrolado várias vezes sobre si mesmo como uma mangueira, é munido de três pistons.

MARCA DE ALDEIA DE JOÃO PIRES Clavicorne Mib

3.9 Trombone



Tiago Teixeira



Sandra Fernandes

O trombone é um instrumento musical da família dos metais. É mais grave que o trompete e mais agudo que a tuba. Quem toca o trombone é chamado de trombonista.

Os trombones são utilizados em vários géneros musicais, como Música Clássica, Jazz entre outros.

Há duas variedades de trombone, quanto à forma: trombone de pistão, que utiliza pistões mecânicos como o trompete, e o trombone de vara, que possui uma válvula móvel (vara), que, ao ser deslizada, altera o tamanho do tubo, mudando a nota.

MARÇA DE ALDEIA DE JOÃO PIRES TROMBONE ^{Do}

3.10 Contrabaixo



Armino Pereira



Rúben dos Reis

O Contrabaixo é um instrumento musical de sopro da família dos metais. Consiste num tubo cilíndrico recurvado sobre si mesmo e que termina numa campânula em forma de sino. Dotado de bocal e de três pistões, possui todos os graus comáticos. É utilizado em vários géneros musicais. Quem toca o Contrabaixo é chamado baixista

MARÇA DE ALDEIA DE JOÃO PIRES C. BAIXO Mi^b

II VEZ FIM

3.1.1 Caixa



Paulo Tomé



Ruslana Mirhalyeva

Tambor feito em madeira ou metal recoberto de membranas em ambas as extremidades. Pode apresentar uma esteira de metal colocada em contacto com a membrana inferior, que vibra quando a membrana superior é tocada por uma ou duas baquetas de madeira. É utilizada nas bandas filarmónica, baterias da escola de samba, bandas de pífaros e outros grupos musicais populares

MARCHA DE ALDEIA DE JOÃO PIRES

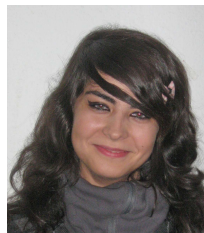
BATERIA



3.12 Bombo



António Aleixo



Viktoriya Mirhalyeva

O Bombo é um instrumento de percussão grande constituído por duas membranas, uma de cada lado da caixa. Geralmente é tocado na posição vertical. É um dos instrumentos mais utilizados nos programas de festas em Portugal.

Em desfiles de bandas ou fanfarras, o bombo é transportado à frente do peito, pendurado nos ombros por cintas de couro (talabarte), e normalmente é percutido em ambas as membranas, por duas macetas, uma em cada mão.

MARCHA DE ALDEIA DE JOÃO PIRES

BATERIA



3.13 Pratos



Luís Serrano



Mariana

O Prato é um instrumento musical de percussão que produz um som alto e cortante, utilizado geralmente para determinadas acentuações nas músicas.

Os pratos utilizados em bandas e orquestras podem ser percutidos com uma baqueta, mas também podem ser percutidos um contra o outro, tendo para esse efeito alças próprias para serem segurados com as mãos.

MARCA DE ALDEIA DE JOÃO PIRES BATERIA

4. OS BAPTISMOS

4.1 A Tradição



Vem dos primeiros tempos de Banda, como ritual de afiliação, realizar-se o baptismo de cada músico para se tornar membro efectivo da Banda Filarmónica.

É um sinal de passagem da fase de iniciação à plena integração na família musical e no grupo de convívio e de relação que tantas vezes, se prolongam por toda a vida. É o selar de uma relação de pertença e compromisso de comunhão nas regras e objectivos da Banda.

Um(a) aprendiz, só depois de saber solfejar, dominar alguma teoria e ter prática de tocar algumas escalas e alguns números musicais é que é baptizado no fim do seu período de aprendizagem, depois de demonstrar que está apto(a) a passar a músico(a) pronto(a).

Tal cerimónia simbólica é realizada no dia da festa anual da Banda, a 1 de Novembro, na casa do(a) aprendiz ou, na sede da Colectividade, antes do almoço. Sempre que possível a cerimónia do baptismo decorre na casa da família do aprendiz, em clima de festa e com mesa farta. Organiza-se o grupo com o mestre da Banda ou outro elemento dos mais antigos fazendo de “padre”. Dois outros ajudam “iluminando” o acto jocoso com duas garrafas de vinho. Um jarro de água é despejado pelo “padre” na cabeça do(a) baptizado(a), enquanto um terceiro ajudante lhe mete na boca uma mão cheia de sal. Então, o padrinho ou madrinha revela de forma solene o nome (algunha) que atribui ao afilhado(a) “precioso”, “refilão”, “pirolita”, “xixinha”... Segue-se o atacar das iguarias e bebidas da mesa composta a primor para a festa.

Regra geral, a alcunha oficializada pelo padrinho ou madrinha, decorreu da graça e das maneiras de comportamento verificadas ao longo do período de aprendizagem e, algumas vezes, o seu chamamento carinhoso ultrapassa o âmbito da Banda, ficando a valer na sociedade e ao longo de toda a vida!

No dia 1 de Novembro, a comemoração da festa anual da Banda, começa bem cedo, com o içar da Bandeira Nacional e da Colectividade ao som dos Hinos Nacional e da Banda. Segue-se o toque da alvorada e “arruada” em que os músicos percorrem as ruas da aldeia, parando e tocando em frente às casas dos músicos e elementos que fizeram ou fazem parte da Direcção, saboreando-se um breve aperitivo. Nas casas dos baptizados a demora e a festa é maior.

A participação na missa solene é seguida pela romagem ao cemitério acompanhada com o toque da marcha fúnebre, para depositarem flores nas campas dos músicos e directores falecidos. Segue-se, o almoço de convívio servido na sede da Colectividade União de Aldeia de João Pires.

No fim do almoço, procede-se á entrega dos envelopes a cada elemento da Banda, contendo os honorários ganhos durante o ano, fazendo-se a chamada pelas jocosas mas, também, carinhosas alcunhas.

Este momento é vivido com muito entusiasmo por todos mas, sobretudo, pelos que foram baptizados no ano anterior e que só recebem metade do valor que é recebido pelos restantes. No ano seguinte, já como executantes, receberão por inteiro. É da tradição que o primeiro dinheiro ganho seja aplicado num objecto especial que é para se guardar (certamente para o enxoval no caso das raparigas).

Depois das intervenções de dirigentes e convidados, o almoço termina em festa com a Banda a interpretar vários números musicais.

4.2 As Alcunhas

Da interessante e significativa cerimónia do baptismo dos aprendizes, resultam as alcunhas, de que foi possível recolher as seguintes, que nos fazem sorrir pela singeleza e bonomia que facilita o convívio saudável, fonte de amizade fraterna.

Garrafinhas	Xabregos
Cebolinhas	Inteligente
Charolda	Borreguinha
Bitas	Preciosa
St'onho	Mafalda
Charamico	Cabeça de andorinha
Tuna	Barriga de embude
Tascinhas	Bigode à ráfia
Ferrunfum	Dentes de batedoura
Refilão	Chanson
Carreirinhas	Semelque prompino
Amoras	Pirolita
Sardinhas	Xixinha
Soneca	Boneca
Risonho	Fiscal
Descuidado	

4.3 Album de Fotografias dos “Baptismos”



As fotografias documentam os tão singelos como marcantes rituais de afiliação ao grupo de amigos e escola de vida que é a Banda. Através de tal ritual iniciático se cumpre o passar da fronteira, o assumir-se da relação de pertença, de entrega e dádiva, mas também do privilégio de se passar a pertencer de corpo inteiro a uma comunidade. Ainda por cima, a uma comunidade musical!

A música é uma arte especial e linda que convoca o melhor que há em nós. Os executantes sentem prazer em transmiti-la aos outros, sendo, assim, essencialmente um acto de partilha. O músico é naturalmente um ser mais alegre e comunicativo.



- 1 - Manuel Lopes – “fazia de padre”
 - 2 - Pedro Mendes
 - 3 - Luís Mendes
 - 4 - Rui Cunha
- a ser baptizado com a alcunha de “Fiscal”
- 5 - Fernando Moiteiro
 - 6 - Assistente

Foto tirada em Aldeia de João Pires, em 1980



Foto Tirada em 1998



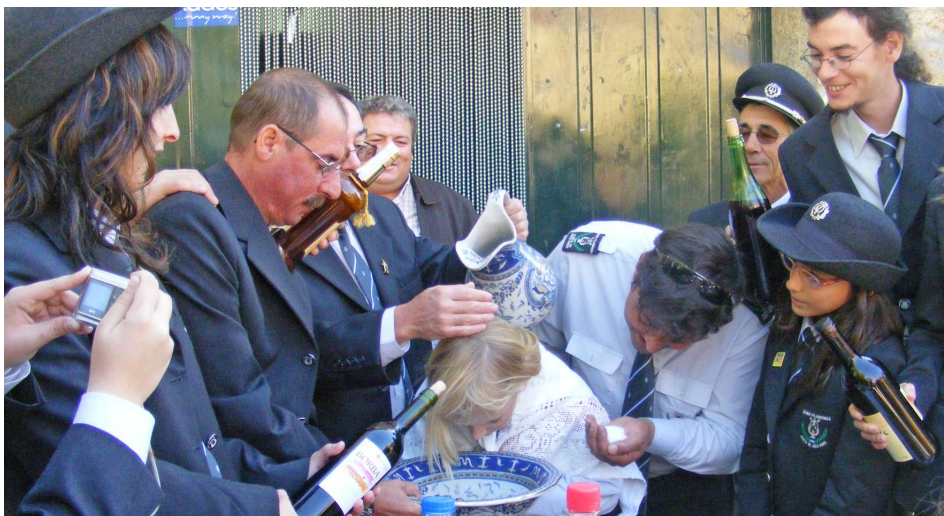
- 1 - Carla Vicente
 - 2 - Mestre Manuel Lopes
 - 3 - Franklim Mendes
 - 4 - Lídia Manteigas
- a ser baptizada com alcunha de “pirolita”
- 5 - Raquel Lopes
 - 6 - Bárbara Manteigas
 - 7 - Bruno de Jesus



Fotografia tirada em 1998



- | | |
|---|-------------------|
| 1 - Sofia Margarida | 5 - Luis Serrano |
| 2 - Franklim Mendes | 6 - Paulo Tomé |
| 3 - Mestre Manuel Lopes | 7 - Carla Vicente |
| 4 - Marisa Ribeiro,
a ser baptizada com alcunha de "bochechas" | |



Fotografia tirada em 1998



- | | |
|--|---------------------|
| 1 - Sofia Margarida | 6 - Luís Serrano |
| 2 - Paulo Tomé | 7 - Armindo Pereira |
| 3 - Mestre Manuel Lopes | 8 - Franklin Mendes |
| 4 - Orlando Remédios | 9 - Daniela Matos |
| 5 - Sofia Remédios
a ser baptizada com alcunha de "Borboleta" | |

5. ACTUAÇÕES

5.1 Deslocações



Não é possível referir exaustivamente as inúmeras actuações realizadas ao longo dos cem anos de existência da Banda Filarmónica. Indicam-se apenas as localidades dos concelhos mais visitados, sendo certo que em muitas localidades a banda marcou presença em sucessivos e vários anos.

No nosso Concelho, a Banda deslocou-se variadas vezes a todas as freguesias e à Vila, com destaque para as inúmeras participações em todas as festas e romarias, concertos e intervenções em comemorações e cerimónias públicas.

No Concelho de Idanha-a-Nova, efectuou várias deslocações a Termas de Monfortinho, Monfortinho, Salvaterra do Extremo, Segura, Rosmaninhal, Zebreira, Toulões, Torre, Alcafozes, Idanha-a-Velha, Medelim, Proença-a-Velha, Oledo, Ladoeiro, Idanha-a-Nova, Senhora do Almortão, Aldeia de St^o Margarida, S. Miguel D'Acha, Monsanto e anexas, Penha Garcia e Senhora da Azenha.

No Concelho do Sabugal, efectuou várias participações em St^o Estêvão, Alagoas, Malcata, Quadrazais, Sabugal, Torre, Ozendo, Soito, Foios, Aldeia do Bispo, Lageosa, Rebolosa, Aldeia de St^o António, Aldeia Velha, Aldeia da Ponte, Valongo do Côa, Cerdeira, Quarta-feira, Espinhal, Quinta de S. Bartolomeu, Nave, Águas Belas, Trigais, Quinta do Clérigo, Aldeia da Dona, Baraçal, Aldeia da Ribeira e Batocas.

No Concelho de Castelo Branco, o destaque vai para Lousa, Escalos de Cima, Mata, Monforte da Beira, Malpica do Tejo, Lentiscais, Taberna Seca, Sarzedas e várias actuações em Castelo Branco participando em múltiplos eventos culturais.

No Concelho de Proença-a-Nova, actuações nas freguesias de Pedrógão Pequeno e Montes da Senhora.

No Concelho da Covilhã, várias actuações na cidade e na Freguesia do Barco.

No Concelho do Fundão, actuações nas freguesias do Salgueiro, Quintãs, Escarigo, Capinha e Sobral de S. Miguel.

No Concelho da Guarda, actuações em Pínzio, Castelo Bom e Freineda.

Em Lisboa, várias deslocações à Serra de Monsanto nos célebres piqueniques dos nossos contrterrâneos e ao Parque das Nações.

No Algarve, à Aldeia das Assoteias.

Em Espanha, actuações em Zarza Mayor, Piedras Albas e Valverde del Fresno.

Em França, a convite da Association Sportive des Portugais de Faverges, deslocação na altura da sua festa local na Quinta-feira da Assunção no ano de 1989, a 3 e 4 de Maio.

A Banda efectuou uma notável participação conforme se fez eco no Jornal do Fundão de 19.05.1989 e que aqui se reproduz.

A actuação da Banda Filarmónica de Aldeia de João Pires, no dia 4 de Maio, na vila francesa de Faverges, perdurará, certamente para sempre na memória de todos quantos a acompanharam.

De salientar, o facto de os organizadores e entidades máximas da vila, terem prestado tão grande agrado na organização desta iniciativa.

No dia 3, pelas 18.00 h., o maire M. Jacques Dalex e restantes representantes camarários, deram as boas-vindas à Banda de Aldeia de João Pires, bem como à restante comitiva, que incluía o presidente da Câmara Municipal de Penamacor,

dr. Francisco Ribeiro; o presidente da Direcção da União de Aldeia de João Pires, Nelson Centuriário e o pároco da freguesia, pe. António Pinto.

Já no edifício da Câmara, trocaram-se ofertas e o maire aproveitou para desejar a todos os elementos da banda uma boa estada, tendo Francisco Ribeiro agradecido a atenção dispensada.

Enquanto isso, o presidente da Associação Portuguesa, António da Paula Varandas, propôs a ambos, a gemação das duas vilas, Faverges e Penamacor. Seguiu-se um vinho em homenagem aos presentes.

Na manhã seguinte, frente ao edifício da Câmara, a banda deu um concerto de meia-hora.

Pelas 17.30 h., com a presença do maire, a banda tocou o Hino Nacional português e francês, iniciando deste modo o concerto que se prolongou pela tarde fora.

A deslocação da banda só foi possível graças ao convite e apoio da Associação de Portugueses de Faverges, Governo Civil de Castelo Branco, Câmara Municipal de Penamacor, Comissão Regional de Turismo da Serra da Estrela, Junta de Freguesia de Aldeia de João Pires e Caixa Geral de Depósitos. Deslocação que prestigiou a Banda de Aldeia de João Pires. Os emigrantes portugueses e as entidades francesas. Uma forma positiva de ser europeu.

in "Jornal do Fundão" de 19-05-1989

5.2 Pequenas estórias e ocorrências

5.2.1 - O Burro de patas pequenas



Nos anos trinta e quarenta do século passado, pelos caminhos e veredas que conduziam às terras em cujas festas a banda ia actuar, o meio de transporte para os instrumentos e músicos eram os burros.

Numa deslocação a Salvaterra do Extremo, o músico José Leitão Delgado (por alcunha, o Passotas) era um dos que levava o seu

burro, por sinal pequenito e algo trôpego. Ao chegar à herdade da Taipa o Passotas disse para o colega Manuel Clemente (por alcunha, o Ceguinho): ó Ceguinho monta-te aqui para o burro com o bombo à frente. Um pouco mais à frente o burro caiu e o Ceguinho que tinha as pernas compridas, ficou em pé a segurar o bombo e logo o Passotas rematou; ó ceguinho sai lá depressa de cima do burro que este malvado deixa-me ficar mal em todo a parte!

Noutra deslocação à Sr^a da Azenha, na serra do Carvalhal, o burro enterrou-se num atoleiro tendo ficado praticamente só com o rabo e as orelhas de fora. Perante o alarido geral, todos ajudaram a puxar o animal e muito aflito o dono, o José Passotas, dizia: esta besta não conhece os latoeiros (em vês de atoleiros).

5.2.2 Os dois lençóis

As festas em Salvaterra do Extremo demoravam três dias e os músicos dormiam lá, distribuídos por várias casas e por vezes tendo de ficar dois ou três na mesma cama. Regra geral as camas eram simples enxergas só com um lençol de baixo e por cima os cobertores. Mas, numa das casas, a cama tinha dois lençóis. Dos músicos destinados àquela cama um deitou-se mais cedo e adormeceu entre os dois lençóis. O outro, mais tarde deitou-se em cima do 2º lençol, mas não tocava no colega nem se acomodava. Levantou-se, então e disse todo irritado: arriba, arriba que está tudo emaranhado. O outro, acordando, lá lhe explicou: não está nada, tu é que te deitaste mal, meu parolo!

5.2.3 Os sapatos amarelos

O músico Manuel Afonso (por alcunha, o Pantera) usava nas actuações uns distintos sapatos amarelos muito bonitos e modernos que tinha trazido de Lisboa. Só os calçava à entrada das povoações e para não os estragar não dobrava os pés, em vez de dar os passos normais andava em pequenos saltos, o que era muito cómico. A verdade é que os sapatos duraram muitos e muitos anos, por serem muito bem estimados e protegidos e eram objecto do comentário jocoso de todos.

5.3 Album das Actuações

Tendo em vista documentar algumas das mais significativas actuações, publicam-se as seguintes fotografias, por sequência cronológica.



Aldeia de João Pires, 1953



Festa de Santa Sofia, Salvador, 1980



Vila de Monsanto, 1985



Participação no programa da RTP "Arco Iris",
gravado em Castelo Branco, 1985



Favergeres (França) Concerto em frente à Câmara Municipal,
9 de Maio de 1989



Rebolosa, Sabugal, Agosto de 1996



Arruada em Aldeia da Ponte (Sabugal), 1997



Alcafozes - Procissão de Nossa Senhora do Coreto, 1999

6. CORPOS SOCIAIS E GALERIA DE SÓCIOS BENEMÉRITOS

6.1 Sociais

6.1.1 Da fundação da Banda até à “União”



Da primeira fase da existência da Banda, não se conhece qualquer suporte de organização administrativa. O fundador e primeiro Mestre, Sr. Padre José Maria, assumiu toda a liderança. Conhecem-se como principais apoiantes: Jaime d’ Aguilar Simões, Luís leitão Mendes e Ricardo Antunes Rei: mas sem funções administrativas atribuídas. A guarda dos instrumentos e os ensaios decorriam na casa paroquial.

Em 1923, há referência a uma Comissão Instaladora informal (22 de Setembro) da futura Sociedade Musical. Foi essa Comissão Instaladora que promoveu a elaboração dos Estatutos, dos quais foi relator o tenente Domingos Antunes e que desenvolveu uma acção decisiva no sentido de os Estatutos serem aprovados. De facto, por Alvará do Governo Civil de Castelo Branco, nasceu formalmente a Sociedade “União de Aldeia de João Pires” em 15 de Janeiro de 1924, tendo como sócios fundadores os senhores Jaime d’Aguilar Simões, Luís Leitão Mendes, José Joaquim Moreira, o Tenente António Manuel Ribeiro e o Tenente Domingos Antunes.

6.1.2 O período de 1924 a 1963

Da primeira Direcção Administrativa da Sociedade “ A União” fez parte: Jaime d’Aguilar Simões (Presidente). José Joaquim Moreira (Tesoureiro) e Luís Leitão Mendes (Secretário).

Não se conhece a evolução da composição da Direcção Administrativa na restante parte da década de vinte.

Em relação à década de trinta, há apenas referência a que em 1936, foi Presidente da Direcção Administrativa o Sr. Tenente António Manuel Ribeiro. Das décadas de quarenta e cinquenta não há registos dos corpos sociais.

A partir de 1924, exerceu as funções de Director da Banda o Sr. Joaquim Machado até ao ano de 1963, altura em que foram eleitos os Corpos Sociais: Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal. O Sr. Joaquim Machado, durante quatro décadas assegurou a direcção da Banda e foi Regedor da Freguesia até 1974.

6.1.3 De 1963 à actualidade

1963	
Assembleia Geral	Direcção Administrativa
Presidente:	Presidente:
Dr. António Martins da Cruz	Prof. José Candeias Moreira
Vice-Presidente:	Secretário:
António Jaime Soares	António Manuel Clemente
Secretário:	Tesoureiro:
Sebastião Jaime Simões	Manuel Antunes Lúcio
	Suplentes:
	Joaquim Machado;
	António Moiteiro Fidalgo;
	António Ribeiro da Silva
Conselho Fiscal	
Presidente:	
Capitão Arnaldo Afonso de Almeida Antunes	
Relator:	
Manuel Clemente Moiteiro Fidalgo	
Vogal:	
António Pires Mendes	

— 1967 —

Assembleia Geral

Presidente:

Dr. António Martins da Cruz

Vice-Presidente:

António Jaime Soares

Secretário:

António Ribeiro da Silva

Conselho Fiscal

Presidente:

Capitão Arnaldo Afonso de Almeida Antunes

Relator:

Manuel Clemente Moiteiro Fidalgo

Vogal:

António Pires Mendes

Direcção Administrativa

Presidente:

Prof. José Candeias Moreira

Secretário:

António Manuel Clemente

Tesoureiro:

Diogo dos Santos

Suplentes:

António Moiteiro Fidalgo

António Ribeiro da Silva

Manuel Antunes Lúcio

— 1971 —

Assembleia Geral

Presidente:

Dr. António Martins da Cruz

Vice-Presidente:

António Jaime Soares

Secretário:

Sebastião Jaime Simões

Conselho Fiscal

Presidente:

Capitão Arnaldo Afonso de Almeida Antunes

Relator:

Manuel Clemente Monteiro Fidalgo

Vogal:

António Pires Mendes

Direcção Administrativa

Presidente:

Prof. José Candeias Moreira

Secretário:

António Monteiro Fidalgo

Tesoureiro:

Diogo dos Santos

— 1974 —

Junta Directiva Provisória

Presidente:

Prof. José Candeias Moreira

Fausto de Almeida Costa

Manuel Serrano

António Vicente Vieira

Diogo dos Santos

José Joaquim Ribeiro

1974 | Setembro

Assembleia Geral

Presidente:

Padre António Pinto da Silva

Vice-Presidente:

Dr. António Portugal Antunes de Oliveira

Secretário:

Dr. Pedro Paulo de Faria

Direcção Administrativa

Presidente:

Prof. António Vicente Vieira

Secretário:

João José Antunes Carreto

Tesoureiro:

Fausto Almeida Costa

Conselho Fiscal

Presidente:

Prof. José Candeias Moreira

Vogal:

Manuel Clemente Monteiro Fidalgo

Relator:

José Jaime Simões de Mendonça

1977

Assembleia Geral

Presidente:

Padre António Pinto da Silva

Vice-Presidente:

Dr. António Portugal Antunes de Oliveira

Secretário:

Dr. Pedro Paulo de Faria

Direcção Administrativa

Presidente:

José Pereira de Matos

Secretário:

António Filipe Leitão

Tesoureiro:

António Monteiro Fidalgo

Vogais:

1º - João Domingos Vaz

2º - José Mendes Vicente

3º - António Carreto

Conselho Fiscal

Relator:

Ricardo Martins da Cruz

1978

Assembleia Geral

Presidente:

Dr. António Martins da Cruz

Vice-Presidente:

José Pereira de Matos

Secretários:

1º - Prof. António Vicente Vieira

2º - António Manuel Antunes Carreto

Direcção Administrativa

Presidente:

Fernando Vicente da Cunha

Secretário:

Manuel Matos Lopes

Tesoureiro:

António Monteiro Fidalgo

Vogais

1º - José Mendes Vicente

2º - João Domingos Vaz

3º - José Manuel Antunes Fidalgo

Conselho Fiscal

Presidente:

Prof. José Candeias Moreira

Relator:

Ricardo Martins da Cruz

Secretário:

João José Antunes Carreto

1980

Assembleia Geral

Presidente:

Dr. António Martins da Cruz

Vice-Presidente:

Prof. José Candeias Moreira

Secretários:

1º - Prof. António Vicente Vieira

2º - António Monteiro Fidalgo

Conselho Fiscal

Presidente:

Manuel Matos Lopes

Secretário:

Fernando Vicente da Cunha

Relator:

António Afonso de Matos

Direcção Administrativa

Presidente:

José António Vieira

Secretário:

José Tomé Duarte

Tesoureiro:

Diogo dos Santos

Vogais

1º - Fausto Almeida Costa

2º - José Manuel Antunes Fidalgo

3º - João Domingues Vaz

1983

Assembleia Geral

Presidente:

Dr. António Martins da Cruz

Vice-Presidente:

Jaime Antunes Rei

Secretários:

1º - Prof. António Vicente Vieira

2º - José Júlio Jacinto da Costa

Conselho Fiscal

Presidente:

Manuel Matos Lopes

Secretário:

Fernando Vicente da Cunha

Relator:

António Afonso de Matos

Direcção Administrativa

Presidente:

Prof. José Candeias Moreira

Secretário:

José Tomé Duarte

Tesoureiro:

António Monteiro Fidalgo

Vogais

1º - José Diamantino Couto Daniel

2º - José Manuel Antunes Fidalgo

3º - João Domingues Vaz

1983 | Outubro

Assembleia Geral

Presidente:

Vítor Leitão de Almeida

Vice-Presidente:

Manuel Matos Lopes

1º Secretário:

José Tomé Duarte

Conselho Fiscal

Presidente:

António Nunes Monteiro

Secretário:

José António Vieira

Relator:

António Afonso de Matos

Direcção Administrativa

Presidente:

Prof. António Vicente Vieira

Secretário:

António Domingues Landeiro

Tesoureiro:

Miguel Joaquim Lourenço

Vogais

1º - José Manuel Agostinho Bartolomeu

2º - José Antunes Tomé

3º - João Vaz

NOTA: O Tesoureiro pediu a demissão dias depois de ter sido eleito, tendo passado a ocupar o lugar o Sr. António Lopes Correia no dia 22 de Outubro de 1983.

1984

Assembleia Geral

Presidente:

Manuel Matos Lopes

Vice-Presidente:

Vítor Leitão de Almeida

1º Secretário:

José Tomé Duarte

Conselho Fiscal

Presidente:

António Nunes Monteiro

Secretário:

José António Vieira

Relator:

António Afonso de Matos

Direcção Administrativa

Presidente:

Prof. António Vicente Vieira

Secretário:

Ernesto Romão Vicente

Tesoureiro:

Jorge Manuel Lourenço Lúcio

Vogais:

1º - José Manuel Agostinho Bartolomeu

2º - José Antunes Tomé

3º - João Vaz

1986

Assembleia Geral

Presidente:

Vítor Leitão de Almeida

Vice-Presidente:

Ernesto Romão Vicente

Secretários:

1º - José Manuel Antunes Fidalgo

2º - Maria José Valente de Matos

Conselho Fiscal

Presidente:

Manuel Maria Leitão Mendes

Secretário:

Agostinho dos Santos Pereira Araújo

Relator:

Ana da Conceição Pereira Mendes

Direcção Administrativa

Presidente:

Pedro Monteiro Agostinho Serrano

Secretário:

Maria Leonor Antunes Mota

Tesoureiro:

António Filipe Leitão

Vogais:

1º - Manuel Matos Lopes

2º - Adelino Esteves Leitão

3º - António Ribeiro Leitão

1988

Assembleia Geral

Presidente:

Vítor Leitão de Almeida

Vice-Presidente:

Ernesto Romão Vicente

Secretários:

1º - José Manuel Antunes Fidalgo

2º - Maria José Valente de Matos

Conselho Fiscal

Presidente:

Agostinho dos Santos Pereira Araújo

Secretário:

António Nunes Monteiro

Relator:

Ana da Conceição Pereira Mendes

Direcção Administrativa

Presidente:

António Filipe Leitão

Secretário:

Maria Leonor Antunes Mota

Tesoureiro:

Manuel Maria Leitão Mendes

Vogais:

1º - Manuel Matos Lopes

2º - Adelino Esteves Leitão

3º - António Ribeiro Leitão

1989

Assembleia Geral

Presidente:

Prof. António Vicente Vieira

Vice-Presidente:

Ernesto Romão Vicente

Secretário:

Maria Leonor Antunes Mota

Conselho Fiscal

Presidente:

António Nunes Monteiro

Secretário:

Agostinho dos Santos Pereira Araújo

Relator:

Ana Pereira Mendes

Direcção Administrativa

Presidente:

Nelson Centúrio

Secretário:

António Filipe Leitão

Tesoureiro:

Manuel Maria Leitão Mendes

Vogais:

1º - Manuel Matos Lopes

2º - José António Vieira

3º - José Manuel Antunes Fidalgo

1990

Assembleia Geral

Presidente:

Manuel Matos Lopes

Vice-Presidente:

João Manuel Matias Serrano

Secretários

1º - José António Vieira

2º - José Manuel Antunes Fidalgo

Conselho Fiscal

Presidente:

Manuel Maria Leitão Mendes

1º Vogal:

Miguel Joaquim Lourenço

Relator:

José Abril da Silva

Direcção Administrativa

Presidente:

Nelson Centúrio

Secretário:

Prof. António Vicente Vieira

Tesoureiro:

Ernesto Romão Vicente

1991

Assembleia Geral

Presidente:

António Carreto Fidalgo

Vice-Presidente:

José Manuel Antunes Fidalgo

Secretários:

1º - Francisco Costa Gonçalves

2º - Florentino Manteigas Gerales

Conselho Fiscal

Presidente:

Manuel Matos Lopes

Secretário:

Agostinho dos Santos Pereira Araújo

Relator:

Octávio Soalheiro T. Gerales

Direcção Administrativa

Presidente:

Prof. António Vicente Vieira

Secretário:

Miguel Joaquim Lourenço

Tesoureiro:

Manuel Maria Leitão Mendes

Vogais:

1º - José António Vieira

2º - José Joaquim Leitão Mendes

3º - José Abril da Silva

NOTA: De 1995 a 2002 não constam actas de eleição dos Corpos Sociais, tendo a sede chegado a estar fechada.

2002

Assembleia Geral

Presidente:

José Luís Caria Santo

Vice-Presidente:

José Manuel Vicente Bragão

Secretários:

1º - Carina Andreia Moiteiro Santos

2º - José Manuel Antunes Fidalgo

Direcção Administrativa

Presidente:

Raul dos Reis Lopes

Secretário:

João José Barata Duarte Fidalgo

Tesoureiro:

Francisco Sousa Celestino

Conselho Fiscal

Presidente:

António Júlio da Costa Jacinto

1º Vogal:

Agostinho dos Santos Pereira Araújo

Relator:

Tiago José Martins Candeias

2003

Assembleia Geral

Presidente:

João de Matos

Vice-Presidente:

José Manuel Fidalgo

Secretários:

1º - Francisco Celestino

2º - José Manuel Vicente Bragão

Direcção Administrativa

Presidente:

José Luís Caria Santo

Secretário:

José António Lúcio de Andrade

Tesoureiro:

Agostinho dos Santos Pereira Araújo

Conselho Fiscal

Presidente:

António Júlio da Costa Jacinto

Vogal:

José Ribeiro

Relator:

José da Costa Tavares

2005

Assembleia Geral

Presidente:

Raul dos Reis Lopes

Vice-Presidente:

José Manuel Vicente Bragão

Secretários:

1º - Pedro Miguel Lopes Agapito

2º - Pedro Miguel Ribeiro Lopes

Direcção Administrativa

Presidente:

José Luís Caria Santo

Secretário:

Luís Manuel Vicente Serrano

Tesoureiro:

Agostinho dos Santos Pereira Lopes

Vogais:

1º - José Manuel Agostinho Bartolomeu

2º - José Antunes Tomé

3º - João Vaz

Conselho Fiscal

Presidente:

José Joaquim Costa Ribeiro

Secretário:

António Carlos Ramos Vaz

Relator:

António Júlio Costa Jacinto

Assembleia Geral

Presidente:

Raul dos Reis Lopes

Vice-Presidente:

António Carlos Ramos Vaz

Secretários:

1º - Pedro Miguel Lopes Agapito

2º - Pedro Miguel Ribeiro Lopes

Direcção Administrativa

Presidente:

José Luís Caria Santo

Secretário:

Luís Manuel Vicente Serrano

Tesoureiro:

Ricardo Bernardino

Conselho Fiscal

Presidente:

José Manuel Vicente Bragão

Secretário:

Paulo Tomé Duarte

Relator:

António Júlio da Costa Jacinto

6.2 Galeria dos Sócios Beneméritos

Os Estatutos da Sociedade a União de Aldeia de João Pires, no seu artigo 9º dispõem: “A qualidade de Sócio Benemérito é atribuída pela Assembleia Geral, por iniciativa da Direcção, e destina-se a premiar actos de dedicação e de generosidade para com a sociedade”.

É, assim, de elementar justiça, nesta altura da comemoração do Centenário, homenagear os sócios que mereceram tal distinção.



António Jaime Simões



Professor, Dr. António Martins da Cruz



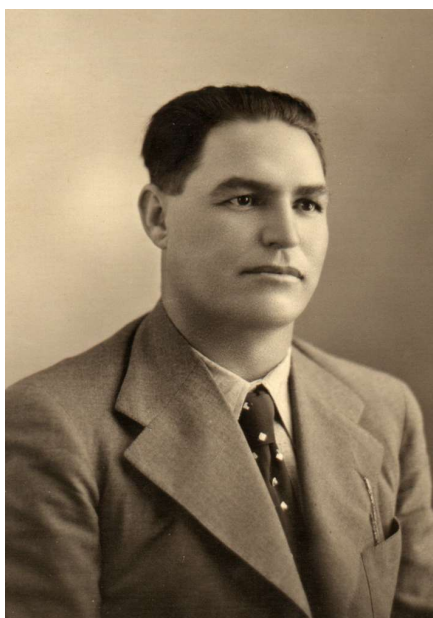
António Pires Mendes



Tenente Domingos Antunes



Eng.º José Jaime Simões Mendonça



Sebastião Jaime Simões



Ag.º Tec. Manuel Clemente Monteiro Fidalgo



Victor Leitão de Almeida



Bernardo Moreira



Prof. José Candeia Moreira

Bibliografia

Landeiro, José Manuel (1982), “O Concelho de Penamacor, na história, na tradição e na lenda) : 2ª edição de CMP

Lopes, Raul dos Reis, “História da banda de Aldeia de João Pires”, documento não publicado

Rei, Ângelo Ricardo Antunes, “Aldeia de João Pires: A Terra e a sua Gente – História e Etnografia. Dossier ainda não publicado.

1908 | 2008

ANOS

100



**A União de
Aldeia de João Pires
S.R.M.**

Com muito trabalho, dedicação, garra e sacrifício de grandes colaboradores e amigos, que estiveram à frente da Banda, foi possível chegar aos dias de hoje. Para alegrar o povo e os sócios, a Banda, de vez em quando, aos domingos, percorria as ruas da Aldeia e de tarde fazia um concerto. Eram dias vividos com muita alegria, porque era a única distração que o povo tinha e todo o povo delirava.

Tudo isto deve-se a um povo formidável e a um punhado de homens que deram muito do seu tempo, trabalho e por vezes até do pouco que tinham monetariamente, prejudicando assim as suas vidas, mostrando assim a sua coragem e dedicação. Grande parte dos homens da Aldeia fizeram parte da banda como músicos e, alguns, com os conhecimentos que aqui adquiriram fizeram parte das bandas regimentais onde seguiram carreira e tiveram uma vida estável, outros, mesmo sem esta possibilidade, ficaram mais ricos em conhecimentos.

A música é uma arte linda e o executante sente prazer em transmiti-la aos outros, por isso o músico é um ser mais alegre, bem disposto e comunicativo. Havia casas de famílias em que pais e três filhos faziam parte da Filarmónica ao mesmo tempo e, por vezes, até um genro. Havia um grande gosto em ser músico. A farda dos músicos era comprada por eles e deslocavam-se a pé ou de burro, porque nessa altura a Câmara não contribuía com qualquer verba para estas instituições. Hoje tudo é mais fácil.

Depoimento de Ângelo Antunes Pires, que com 73 anos de idade tem mais de 60 como músico